



Universidade Federal do Ceará - UFC
Centro de Humanidades
Departamento de Psicologia

**A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-
CULTURAL – INTERFACES TEÓRICAS PARA A COMPREENSÃO
DO PSIQUISMO**

Francisco Gilmaríio Rebouças Junior

Orientadora:

Prof^ª. Dra. Verônica Morais Ximenes

Banca Examinadora

Psicóloga. ESP. Eugênia Bridget Gadelha Figueirêdo

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional - UECE

Psicólogo. MS. Hamilton Viana Chaves

Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará – CEFET-CE

Fortaleza – Ceará
2007

A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL – INTERFACES TEÓRICAS PARA A COMPREENSÃO DO PSIQUISMO

RESUMO

Esta pesquisa investiga como a Psicologia Histórico-Cultural contribui para a construção teórica da Psicologia Comunitária. O interesse por essa temática deu-se a partir da trajetória acadêmica traçada pelo autor, focalizando seus interesses na Psicologia Comunitária. Este estudo buscou analisar a interface teórica entre a Psicologia Comunitária no Ceará, e a Psicologia Histórico-Cultural; compreender, inicialmente através de um resgate histórico, como ocorre o encontro dessas duas teorias; quais os impactos teórico-metodológicos na Psicologia Comunitária com a contextualização de alguns conceitos da Teoria Histórico-Cultural em seu arcabouço teórico; quais as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para o método da Psicologia Comunitária, o Método Dialógico-Vivencial. A pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa teórica. Após esta análise chegou-se a conclusão de que a Psicologia Histórico-Cultural, em interface com a Psicologia Comunitária permitiu a esta uma compreensão mais concreta de como se constitui o psiquismo humano dentro de uma realidade mais específica, a comunidade, bem como o salto qualitativo ocorrido na Psicologia Comunitária nos aspectos teórico-metodológicos de um modo geral.

Palavras-chave: Psicologia Comunitária, Psicologia Histórico-Cultural, Método Dialógico-Vivencial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. PERCORRENDO OS CAMINHOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA...6	
1.1 Os primeiros passos da caminhada: A construção de uma nova (outra?) Psicologia.....	6
1.2 Sobre o chão da Terra Brasilis: O contexto da Psicologia Comunitária no Brasil	9
1.3 Os caminhos da Terra do Sol: A Psicologia Comunitária no Ceará	14
2. O OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.	20
2.1 Psicologia Histórico-Cultural: um breve histórico.....	20
2.2 Desenvolvimento Humano e a constituição do psiquismo à luz da Teoria Histórico Cultural	21
2.3 Atividade Humana: a transformação do homem e da realidade	24
2.4 Linguagem e Pensamento: compreender e anunciar o mundo e a si mesmo	26
2.5 Sentidos, significados, sentimentos	27
2.6 Consciência.	29
2.7 A Psicologia Comunitária e esses conceitos.....	31
3. MÉTODO DIALÓGICO-VIVENCIAL - MDV: A ANÁLISE E VIVÊNCIA DA ATIVIDADE COMUNITÁRIA	35
3.1 Ler e transformar a realidade: aspectos metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural.....	35
3.2 O Método Dialógico-Vivencial: facilitar-pesquisando, pesquisar-facilitando, através da análise e vivência da atividade comunitária	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS (por enquanto)	43
5. REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A Psicologia Comunitária Cearense, a qual tomamos como base para esse estudo, nasce, na década de 80, de um movimento de crítica a psicologia tradicional feita na época, a qual não proporcionava resposta efetivas para os problemas encontrados na sociedade, e principalmente a realidade de opressão, fome e desigualdade, que sacrifica, cotidianamente as classes pobres. Tinha como objetivo colocar a psicologia a serviço da população pobre, a serviço do paciente pobre. Assim através do aprofundamento da consciência, a psicologia comunitária tem o objetivo de fortalecer a identidade dos sujeitos oprimidos, possibilitando o desenvolvimento dos mesmos, e como consequência o desenvolvimento comunitário.

Como bases teórico-metodológicas, a Psicologia Comunitária possui cinco teorias centrais na sua constituição: A Educação Libertadora (Freire), a Biodança (Toro), a Teoria Rogeriana (Rogers), a Psicologia Histórico-Cultural, (Vigotsky, Luria e Leontiev), e a Psicologia da Libertação (Martín-Baró). Cada uma dessas teorias adentrou na teoria da psicologia comunitária em um determinado período da sua construção, contribuindo ainda mais para o seu arcabouço teórico.

A Teoria Histórico-Cultural da Mente nasce na URSS, tendo como principais representantes os teóricos Alexis Leontiev, Lev Semenovich Vigotsky e Alexandr Romanovich Luria. Com forte influência da idéias marxista, do materialismo histórico dialético, esta teoria surgia na tentativa de construir uma psicologia onde se compreendem os processos psíquicos de uma forma mais integral.

A partir dessas considerações, o objetivo desse estudo é compreender como Psicologia Histórico-Cultural, contribui especificamente para o arcabouço teórico-metodológico da Psicologia Comunitária. Mais especificamente: Percebendo qual o seu diferencial na Psicologia Comunitária, como esta se configurava antes de sua entrada e qual a transformação que ocorre após este encontro; Quais aspectos teóricos da Teoria Histórico-Cultural são abordados dentro da Psicologia Comunitária; Como a Psicologia Histórico-cultural contribui para o método de atuação da Psicologia Comunitária.

Primeiramente, no Capítulo 1 fazemos um breve resgate histórico da Psicologia Comunitária construída em diversos lugares, bem como suas peculiaridades. Realizamos uma articulação entre o contexto histórico vivido na época e o caminhar teórico da Psicologia Comunitária.

No Capítulo 2, realizamos uma apresentação da Psicologia Histórico-Cultural, o contexto de onde surge e seus principais teóricos, e em seguida apresentamos conceitos-chaves para a compreensão de sua teoria, a partir de um ponto central que é o desenvolvimento do psiquismo humano. Assim abordamos a questão dos níveis de desenvolvimento, o diferencial entre o homem e os outros animais, bem como as categorias principais para esse processo: Atividade Humana, Pensamento, Linguagem, Sentido, Significado, Sentimento, Consciência; e alguns conceitos fundamentais: Internalização, Mediação, Reflexo Psíquico. Ainda nesse capítulo abordamos como esses conceitos e categorias são contextualizadas na teoria da Psicologia Comunitária, contribuindo para a sua compreensão sobre o psiquismo humano, na dinâmica comunitária.

Já no Capítulo 3, temos uma breve conceituação do método da Psicologia Histórico-Cultural, e qual a sua proposta de pesquisa e de intervenção da psicologia. Em seguida trazemos o método da Psicologia Comunitária, o Método Dialógico-Vivencial – MDV, abordando como ele se constrói quais suas principais características, bem como as influências a partir da Teoria Histórico-Cultural.

Por fim, nas considerações finais, depois de toda essa exploração e aprofundamento teórico, realizamos reflexões gerais sobre todo esse aparato teórico aqui exposto. Elucidamos qual a importância da Psicologia Histórico-Cultural no processo de construção da Psicologia Comunitária, apontando como essas interfaces teóricas se amarram para a compreensão do psiquismo humano a partir da psicologia comunitária.

Acreditamos que esse trabalho venha a contribuir tanto na formação do autor enquanto psicólogo, bem como na prática em psicologia comunitária, sendo mais uma sistematização dos estudos nessa área de atuação da psicologia. As contribuições a respeito do método de psicologia comunitária presentes nesse estudo serão de extrema importância para futuras produções sobre a psicologia comunitária.

1. PERCORRENDO OS CAMINHOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA...

Nesse capítulo inicial da monografia, faremos um resgate histórico da construção da Psicologia Comunitária. Inicialmente, abordaremos os contextos os quais esta surge, Europa, Estados Unidos, América Latina, ao que se propõe, bem como as suas peculiaridades nesse percurso de formação de uma nova teoria.

Em seguida, a partir de um olhar sobre a Psicologia Comunitária construída no Brasil, exploraremos a construção da Psicologia Comunitária no Ceará, sua leitura sobre a realidade, alguns conceitos chaves da sua teoria, os quais serão mais explorados ao longo desse estudo, bem como suas implicações no campo atuação.

1.1. Os primeiros passos da caminhada: A construção de uma nova (outra?) Psicologia.

O nascimento da Psicologia Comunitária se dá em virtude de diversas influências do contexto histórico mundial a partir do início do século XX. A proposta do Estado de atuação em comunidade, a crise da psicologia social, os movimentos populares e os movimentos de saúde mental comunitária são um dos principais fatores que influenciaram a construção dessa nova prática. (GÓIS, 2005)

O desenvolvimento econômico-industrial e a expansão do capitalismo se viram ameaçados com o avanço da política socialista e com a situação de fragilidade vivida pela população dos Estados Unidos e da Europa no contexto do pós-guerra. Para garantir a manutenção da ordem social, os governos desses países adotam medidas de intervenção social, assistencialistas e educativas. (GÓIS, 2005).

Assim, no contexto europeu e estadunidense, as práticas em psicologia para as classes populares visaram solucionar problemas que viessem atrapalhar a onda de desenvolvimento econômico, aparentemente vivida nessas nações. De um modo geral, essas práticas de assistência social foram influenciadas pela política do “*Welfare State*”¹ (GÓIS, 2005). Já em

¹De acordo com Médici ([?]) a *Welfare State*, ou política do “Estado do Bem-Estar” surge com “a ampliação do conceito de cidadania, com o fim dos governos totalitários da Europa Ocidental (nazismo, fascismo etc.), com a hegemonia dos governos sociais-democratas e, secundariamente, das correntes euro-comunistas, com base na concepção de que existem direitos sociais indissociáveis à existência de qualquer cidadão.” Segundo Góis (2005), Estados Unidos e Europa adotam políticas de melhoria da qualidade de vida da população para uma adequação a sociedade, no contexto do pós-guerra.

outros países, Amaral, Rebouças Junior, Barros e Ximenes (2007) relata que “no período da Guerra Fria (1947-1991), a Organização das Nações Unidas (ONU) adotou o “desenvolvimento de comunidade” como instrumento de contenção da propagação de idéias comunistas nos países do terceiro mundo”.

Em maio de 1965, na Conferência de *Swampscott*, distrito de *Boston*, o termo “Psicologia Comunitária” é formalizado (GÓIS, 2005). O encontro teve o objetivo de: “debater a formação dos novos Psicólogos e ampliar a noção de saúde mental no âmbito comunitário, tema da ata firmada por Kennedy (fevereiro de 1963) que criava os Centros de Saúde Comunitária”. (GÓIS, 2005. p.20)

Outro aspecto que influenciou o surgimento da psicologia comunitária foi a crise na teoria da Psicologia Social. Segundo Góis (2005), a Psicologia Social tradicional direcionava-se para estudo dos grupos, de questões específicas como a conduta e o ajustamento social, sem preocupar-se com os contextos histórico-culturais dos indivíduos. O distanciamento dessa linha teórica, dos problemas sociais e a falta de respostas para esses problemas contribuíram para o surgimento de diversos grupos de profissionais que criticavam a prática até então exercida. (GÓIS, 2005).

A construção de uma nova Psicologia tem como palco uma série de transformações sociais mundiais. Para além da intervenção estatal na comunidade e da crise teórica-prática da Psicologia Social, a Psicologia Comunitária também surge “nos movimentos sociais comunitários (sobretudo no de Saúde Mental) de distintos países da América e Europa” (GÓIS, 2005, p. 20).

No contexto social da época, muitos movimentos também foram importantes no surgimento de uma nova área de atuação em Psicologia. Freitas (2007, p.51), afirma que “no cenário internacional, presenciamos também manifestações e reivindicações importantes, dirigidas ao enfrentamento e à resolução de um quadro comum de fome, miséria, desemprego, analfabetismo e doenças”.

Segundo Góis (2005) apesar da existência de políticas assistencialistas, manipuladoras para o ajustamento social, a exigência pelos direitos, e melhores condições de vida surgiram em diversos lugares do mundo. Entre os anos 50 e 70, a Revolução Cubana, “Maio de 1968”, o movimento pela paz contra a guerra no Vietnã são alguns dos vários acontecimentos que influenciaram o surgimento de novas teorias e práticas sociais. O Movimento de Saúde Mental Comunitária buscava romper com o modelo médico tradicional na saúde mental. O trabalho investia na relação sujeito e meio social, implicando a população nessas atividades, contribuindo para uma atuação mais participativa.

Movimentos de alfabetização de adultos, de saúde mental, de anti-psiquiatria tradicional, bem como a crise na psicologia social (GÓIS 2005; FREITAS, 2002) marcaram a entrada da psicologia em um campo de atuação mais ligado a uma realidade concreta, buscando solucionar problemas sócio-econômicos junto à classe pobre da sociedade.

As situações de conflito entre diversas forças na sociedade configuravam um cenário de desordem social, o qual assinalava a necessidade de uma nova leitura sobre essa sociedade, a partir de uma transformação no campo de conhecimento. Com base nisso, entendemos as influências de realidade sobre a construção de uma nova teoria, no caso a Psicologia Comunitária, de uma forma mais complexa, mas perpassando diversos acontecimentos históricos.

No contexto latino-americano, essas situações não foram muito diferentes. Apesar da existência dos acontecimentos, anteriormente levantados, na América Latina, o movimento pela melhoria na qualidade de vida e transformação social através da luta reivindicatória, foi um ponto crucial na construção da psicologia comunitária latino-americana. A história de opressão dos povos desse continente vinha, desde a colonização européia, permeada de massacres, de situação de opressão, sob um solo de intensa desigualdade social, de subjugamento de uma cultura diante da outra.

Além da política colonizadora, disfarçada pelo desenvolvimento industrial e o avanço do capitalismo, contribuindo ainda mais para manutenção desses laços históricos de dominação, existia a reprodução das relações de opressão dentro de cada país. Os governos militares eram implantados nos países latino-americanos contribuindo ainda mais para a situação de opressão (GÓIS, 2005).

Nesse contexto, surge também um movimento de contrapartida, de “enfrentamento ao aumento das desigualdades, da miséria e dos problemas sociais que fragilizavam os indivíduos e que favoreciam a alienação diante de um grande quadro de direitos básicos negados” (ALENCAR, 2007), um movimento de libertação da América Latina.

Segundo Góis (2005), na América Latina, a Escola da Libertação, proporcionou uma nova leitura epistemológica sobre as ciências construídas nesse lugar. Essa corrente epistemológica propõe uma releitura da situação de opressão nesse continente, bem como contribuir para mudança desse quadro. Montero (2004, p.129) conceitua libertação como:

la emancipación de aquellos grupos sociales que sufren opresión y carencia, de aquellas mayorías populares (populares en el sentido, poblacional, demográfico) marginadas de los medios y los modos de satisfacer

dignamente las necesidades tanto básicas como complementarias, y de desarrollar sus potencialidades para autodeterminarse²

A contribuição desse grupo deu-se a partir de áreas do conhecimento como: a Filosofia (Enrique Dussel); a Sociologia (Orlando Fals Borda); a Antropologia (Rodolfo Kusch); a Teologia (Leonardo Boff); a Pedagogia (Paulo Freire); a Psicologia (Ignácio Martín-Baró) (ALENCAR, 2007).

Os princípios norteadores de toda essa construção pautavam-se nos ideais do Materialismo Histórico-Dialético de Marx, o qual propõe uma nova forma de compreender a realidade, mas também de transformá-la a partir da implicação dos sujeitos nesse processo. (BRANDÃO, 1999). As novas idéias libertadoras foram perseguidas pelos governos ditatoriais da época, pois representavam uma ameaça à política do Estado. Alguns teóricos foram exilados de seus países como Paulo Freire, ou assassinados como foi o caso de Ignácio Martín-Baró, caracterizando esse movimento de crítica teórica, e política.

1.2. Sobre o chão da Terra Brasilis: O contexto da Psicologia Comunitária no Brasil

Freitas (2002, p.55) afirma que:

Acreditando que a todo e qualquer processo de trabalho e de produção de conhecimento existem determinações históricas e políticas que os influenciam, pode-se afirmar que falar da psicologia comunitária é falar, também, da história política recente do Brasil e da América Latina.

No Brasil, a proposta de trabalhos em comunidades ocorre nos meados da década de 40 e 50, quando acontece a mudança do modelo econômico de produção, de um modelo agropecuário para um modelo agroindustrial (FREITAS, 2002). Esse contexto contribuiu para o surgimento de trabalhos com as populações de baixa renda, mais em uma perspectiva educacional-assistencialista, voltadas para a adequação da população a esse novo modelo.

Este período é conhecido como o do “desenvolvimentismo” nos trabalhos comunitários, dos grandes projetos de educação básica e alfabetização, e dos planos governamentais voltados à construção e implantação de casas populares (Freitas, 2000b). Desenvolvem-se através de propostas de ação comunitária e educativa, tuteladas pelo Estado. Apresentam como características ações assistencialistas e paternalistas, pretendendo - ao atender algumas das necessidades - manter as populações desfavorecidas sob

² Nesse estudo monográfico, manteremos as citações na língua original da obra consultada.

seu controle, adaptadas e integradas à nova forma de produção, típica das cidades que cresciam em um alto ritmo (FREITAS, 2007, p.50).

Segundo Góis (2005), a psicologia comunitária na América Latina surge de uma corrente da Psicologia Social com uma concepção mais crítica da realidade. Com base nisso, se olharmos para as décadas de 60,70 e 80, o contexto histórico contribui bastante para o surgimento de uma profissão em psicologia com a proposta de transformação social.

Na década de 60, de acordo com Freire (1979 apud FREITAS, 2002) os custos de vida se tornam insuportáveis para as classes trabalhadoras e para a população em geral. As cidades crescem de uma de uma forma muito intensa, surgindo os cinturões de pobreza e miséria rodeando os grandes centros econômicos industriais. (GÓIS, 2005)

Profissionais de diversas áreas envolveram-se com os processos de transformação, os quais a sociedade passava. Desta forma, psicólogos envolvidos com essa nova corrente de atuação, decidem utilizar o seu conhecimento científico como um instrumento de participação do povo, nas melhorias de condições de vida, principalmente da classe mais pobre. (LANE, 2002)

Segundo Lane (2002), nessa época, o trabalho de alfabetização de adultos, através do método de Paulo Freire, envolveu estes profissionais que desejavam contribuir com transformação social. Esse tipo de trabalho visava à alfabetização como instrumento do processo de conscientização. Em 1964, acontece o Golpe Militar no Brasil e os trabalhos de conscientização da população não são visto com bons olhos pelo governo, sendo considerados ameaça ao poder militar.

Na década de 70, de acordo com Lane (2002), apesar da ditadura militar existente no país, a população encontrava sempre formas de organização e de resistência seja por associações de moradores, pastorais, grupos de educação popular, que sempre batalhavam pela melhoria da qualidade de vida. Lane (2002, p. 18) relata que nessa época, as experiências vividas com a educação popular na década de 60 “levam os psicólogos (...) a desenvolverem atividades em comunidades em termos de educação popular, tendo como meta a conscientização da população”.

As bases teóricas da prática não era o ponto central da atuação desses profissionais e sim à forma como buscavam atuar era que importava. Sobre influência da prática clínica em psicologia, os trabalhos iniciais se pautavam técnicas de psicoterapia aplicadas na comunidade, sem ter muito a compreensão de que lócus de atuação era esse, quais as suas peculiaridades e formas de trabalhar. (LANE, 2002). A proposta de aproximar a psicologia

das classes pobres era clara, mas a formação acadêmica não contribuía para esse contato efetivo com as transformações sociais, as quais eram desejadas.

O conhecimento de outras áreas como serviço social, e antropologia foram incorporados por esses psicólogos caracterizando uma influência de outros olhares mais ligados à leitura da realidade, com uma lupa sobre a dimensão social.

A psicologia por influência dessas teorias, se assim podemos dizer, confundia-se em muitos momentos com as outras profissões, surgindo à necessidade de delimitar esse olhar sobre o objeto de estudo da psicologia. Os profissionais envolvidos nesse movimento, em grande parte, trabalhavam em outros espaços parte deles na academia o que contribuiu para a discussão dessa nova área da psicologia dentro das universidades e a construção de uma nova teoria. (LANE, 2002; MONTERO, 2004).

O arcabouço teórico da época já não contemplava as inquietações surgidas do meio social, e o contato com novas idéias de libertação social, mexeu com as formas de se ler e agir na realidade. O encontro entre esses diversos olhares, saberes, teorias seria de extrema importância para o surgimento de uma nova teoria, ciência, prática libertadora.

De acordo com Góis (2005) no ano de 1979, em Lima, (Peru), é realizado o Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia – SIP, o qual possibilitou o enfrentamento entre a concepção tradicional e a crítica da Psicologia Social. Esse encontro proporcionou muitas reflexões para o avanço da atuação em psicologia social e a criação de uma psicologia comunitária, a partir de questionamentos como: “de que sociedade falamos?”, “de qual homem falamos?”, “que Psicologia fazemos”(GÓIS, 2005, p.39), bem como a contextualização da Psicologia Social na sociedade, suas questões ideológicas, práticas, éticas, teóricas e seus objetivos.

Assim, as influências de diversas áreas iam desenhando o olhar da Psicologia Comunitária sobre o homem. Desta forma, a partir da nova leitura que se fazia da sociedade, o enfoque sócio-psicológico era necessário para compreender a relação entre o homem e a sua realidade, e os impactos para ambos nesse processo, bem como a construção de uma teoria com o olhar sobre o psiquismo humano, objeto da psicologia.

O foco dessa nova atuação era sobre os aspectos positivos, que contribuíssem para o desenvolvimento e fortalecimento dos sujeitos, com um olhar sobre o processo de construção das suas condutas, até aquele momento para então vislumbrar perspectivas de transformação. O homem deixava de ser encarado como sujeito passivo, para ser um ator social, construtor da sua sociedade (MONTERO, 2004).

No Brasil, a Psicologia Comunitária tem como suas expoentes influências a Psicologia Social Crítica (Lane), da Teologia da Libertação (Boff), e da Educação Popular (Freire)³. Dentro desse contexto, a Psicologia Social Crítica conheceu a escola soviética da Psicologia Histórico-Cultural, tendo como principais representantes Vigotsky, Leontiev e Luria, a qual seria de suma importância para a tão desejada compreensão do psiquismo do homem em interação com o meio⁴. (LANE, 2007)

De acordo com Lane (2002) a maioria dos trabalhos dessa época pautava-se num forte cunho assistencialista e manipuladora. Utilizava-se de técnicas e procedimentos sem a análise crítica necessária, a intenção era boa, porém não os resultados obtidos.

O que vemos nesse momento é ainda uma visão do psicólogo que se define pelas técnicas que utiliza e não pelo conhecimento que ele tem sobre o psiquismo humano, do indivíduo como pessoa que se constrói na relação com os outros, no desenvolvimento de suas atividades, no movimento de sua consciência e na produção de sua identidade (LANE, 2002, p.23).

Algumas correntes mais tradicionais declaravam que a atuação em Psicologia Comunitária era fazer política e não psicologia. (LANE, 2002) Segundo Góis (2003) os trabalhos em Psicologia Comunitária no Ceará eram considerados os “trabalhos dos petistas”, e não uma atuação em psicologia.

Durante a década de 80, com o início da abertura política, diversos encontros com a temática dessa nova psicologia foram articulados, com o intuito de pensar essa prática. Surgem encontros em diferentes regiões do país, possibilitando o diálogo dos profissionais da área da psicologia comunitária (LANE 2002; FREITAS 2002,2007; GÓIS, 2005).

Com a criação oficial da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), em 1980, fortalecem-se canais de aproximação e de comprometimento da psicologia e, em especial da psicologia social comunitária, para com a realidade concreta das pessoas, no Brasil e no continente latino-americano (Freitas, 1998, 2000b, 2003). (FREITAS, 2007, p.52)

Lane (2002), em um trabalho de resgate da construção da Psicologia Comunitária no Brasil, relata dois importantíssimos encontros ocorridos, nessa época, que propiciaram essa

³ No caso do Ceará, os trabalhos iniciais em Psicologia Comunitária, além de Paulo Freire tinham como base a Biodança (TORO) e a Teoria Rogeriana (ROGERS). Ainda nesse capítulo abordaremos melhor esse assunto.

⁴ No segundo capítulo abordaremos melhor as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a teoria da Psicologia Comunitária.

troca de experiências: o 1º Encontro Regional de Psicologia na comunidade, realizado em São Paulo em 1981, (...) o 2º Encontro Regional, ocorrido em Belo Horizonte em 1988 (...) tendo por objetivo a troca de experiências e, principalmente, o de não cometer os mesmos erros (LANE, 2002, p.19).

Lane (2007) relata que nos Estados Unidos e Europa, o início da psicologia comunitária é marcado pela presença do psicólogo nos equipamentos públicos do governo, em virtude do movimento do Estado, na política do “Bem-Estar Social”. No Brasil, devido à repressão aos trabalhos em psicologia comunitária, uma das poucas instituições sociais a qual o psicólogo tinha contato eram as Comunidades Eclesiais de Base, influenciadas pela Teologia da Libertação, e com um fácil contato com as classes pobres, em virtude do forte caráter religioso presente entre estas.

Os trabalhos, de um modo geral, sempre eram feitos junto à população, em um compartilhar de sentimentos, idéias, conhecimentos que possibilitassem o morador da comunidade assumir espaços e anunciar-se no mundo como sujeito de sua realidade e transformador da mesma. (LANE, 2002; MONTERO, 2004).

O trabalho em grupos, a proposta de conscientização e uma prática com um olhar pedagógico se fazem características básicas desde o começo das práticas em psicologia comunitária. Apesar da pluralidade de fontes teóricas (MONTERO, 2004), alguns aspectos eram básicos nesses trabalhos, como, a ação e participação de pessoas da comunidade nas atividades contribuindo para disseminar a nova visão de homem trazida por essa psicologia, de sujeito dinâmico, ativo, construtor e conhecedor de sua realidade, e para perceber a interação entre os sujeitos que compõe um determinado meio social.

Apesar dos trabalhos em psicologia comunitária se orientarem a serviço da população pobre, trabalhando processos de reivindicação das classes populares por melhores condições de vida (FREITAS, 2002), caracterizando essa atuação como um eixo central desses trabalhos, em cada localidade que esta era desenvolvida no Brasil, a teoria tinha suas peculiaridades, surgidas da prática específica de cada lugar.

As reflexões sobre as práticas em Psicologia Comunitária possibilitaram transformações inclusive no meio universitário (FREITAS, 2002) anunciando essa perspectiva de prática em psicologia, possibilitando a criação de núcleos, grupos, disciplinas envolvendo essa temática em diversos espaços do Brasil, bem como troca dos diversos referenciais teóricos utilizados para embasar essas práticas pelo país.

Atualmente, a Psicologia Comunitária vem ganhando outros campos de trabalho, ampliando seus horizontes de atuação. Espaços como o Terceiro Setor, instituições que lidam

com pessoas com situação de vulnerabilidade social se abrem ,cada vez mais, para uma atuação em psicologia comunitária, possibilitando que esta contribua com a transformação social. (GÓIS, 2005). A abertura para o trabalho do Psicólogo Comunitário nos espaços de políticas públicas configura ao mesmo tempo uma abertura do campo profissional, bem como o desafio da reflexão do profissional de psicologia sobre a prática a sua prática nessas instituições.

Silva (2003, apud BARROS, 2007) diz que a abertura para a atuação do psicólogo nas políticas públicas consiste numa oportunidade impar para esse profissional se aproximar cada vez mais das necessidades sociais. Este autor traz também a necessidade de reavaliar o perfil desses profissionais frente às necessidades e as propostas de atuação nessas políticas. O diálogo da psicologia com outros saberes, como as Ciências da Saúde, também faz parte desse processo de reformulação da atuação em psicologia, permitindo uma visão mais complexa da realidade.

1.3 Os caminhos da Terra do Sol: A Psicologia Comunitária no Ceará

Os trabalhos de psicologia comunitária no Ceará tiveram início com a atuação de um psicólogo e professor do departamento de psicologia da Universidade Federal do Ceará, junto a uma psicopedagoga em um projeto de intervenção no bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambú (GÓIS, 2003). Os trabalhos consistiam em alfabetização de adultos a partir do método de Paulo Freire, com grupos de crescimento com jovens marginalizados e usuários de drogas, bem como trabalhos com jovens e adultos de um modo geral. Esse trabalho durou cerca de seis anos (1981-1987), e dentre as atividades realizadas com a população do bairro estavam: círculo de cultura e ação, horta comunitária, círculo de encontro e biodança, grupo de idosos, treinamento de lideranças dentre outros. (FIGUEIRÊDO, 2007).

As teorias que embasaram o início dessa atuação em Psicologia Comunitária foram: a Teoria Rogeriana (Carl Rogers), a Biodança (Rolando Toro) e a Pedagogia da Libertação (Paulo Freire). Essa psicologia era intitulada de Psicologia Popular, depois de um tempo, integrando-se a Educação Popular, passa a ser chamada de Psicopedagogia Popular.

Em 1986, o professor a frente da construção dessa nova teoria, vai a Cuba com o intuito de apresentar a experiência do trabalho realizado no Ceará no 1º Encontro sobre Questões Epistemológicas, Teóricas e Metodológicas entre a Psicanálise e a Psicologia Marxista, na Universidad de La Habana (GÓIS, 2003). Góis (2003, p. 19) relata que “foi a partir desse Encontro em Cuba que descobrimos um novo material teórico e metodológico,

proposto pelos cubanos e soviéticos a partir das obras de Vigotsky, Leontiev, Luria, Smirnov e Rubinstein que muito nos influenciaria”. De acordo Ribeiro e Rocha (2002, p.167) o contato com a Psicologia Histórico-Cultural “tornou-se essencial ao trabalho da Psicologia Comunitária do Ceará por fortalecer o abandono à visão abstrata do fenômeno psicológico e a crítica a ela”. Em 1987, essa psicologia passa a se chamar de Psicologia Comunitária com a entrada de alguns autores com a perspectiva mais crítica da psicologia.

Somente em 1987, passou a se denominar Psicologia Comunitária, aí integrando as idéias de Lane, Freire, Rogers, Fannon, Borda, Martín-Baró, Loyello, Vigotski, Leontiev, Luria, Boff, Dussel e Toro, mais as idéias de Góis e Cavalcante, constituindo, então, a partir daí seu marco teórico e uma articulação entre teoria, prática e compromisso social (GÓIS, 2005, p.48).

O contato com a Psicologia Histórico-Cultural teve grande importância na noção de psiquismo; na adoção da atividade comunitária como unidade de análise contribuindo demais para a construção do método; na noção de sentidos, significados e sentimentos e sua importância para o psiquismo humano.

Desta forma, tínhamos as cinco principais bases teórico-metodológicas da Psicologia Comunitária no Ceará, contribuindo para um amadurecimento dessa prática, a partir do diálogo entre essas teorias (Psicologia Histórico-Cultural, Psicologia da Libertação, e Educação Libertadora, Teoria Rogeriana e Biodança).

Em 1988, a disciplina de Psicologia Comunitária é criada no Departamento de Psicologia da UFC, com o caráter obrigatório no currículo de graduação em Psicologia (GÓIS, 2003). Também nessa época iniciam-se os trabalhos dos integrantes de um projeto em psicologia comunitária do Departamento de Psicologia da UFC, em um município no interior do Ceará, em parceria com a prefeitura do local. Essa atuação visava o fortalecimento da identidade crítica dos sujeitos bem como uma maior participação desses na vida social, econômica e política do município. Esse trabalho teve um diferencial muito grande para a Psicologia Comunitária Cearense, pois “permitiu compreender a importância da dinâmica municipal (município) como básica nas dinâmicas comunitária e intercomunitária, bem como o papel de uma prefeitura como facilitadora dessa dinâmica” (GÓIS, 2003, p.21). Em 1991, este projeto é transformado em núcleo, contribuindo até hoje com a formação, e atuação, em psicologia comunitária (GÓIS, 2003).

O olhar da Psicologia Comunitária se dá sobre o sujeito comunitário, que brinca, que vive, que sofre, mas que não deixa de ter dentro de si condições de sempre ser mais e ir além das relações opressoras presentes na sociedade. Entendemos por sujeito comunitário:

o indivíduo que se descobre (compreende e sente) responsável por sua história e pela história da comunidade e que as constrói mediante a sua atividade prática e coletiva no mesmo lugar em que vive e faz história de sofrimento, de luta e encontro, de realização e esperança (GÓIS, 2007 p.43)

Possibilitar o desenvolvimento desse sujeito comunitário implica no combate a ideologia de submissão e de resignação e a identidade de oprimido, construídas socialmente e que bloqueiam capacidade desse sujeito de transformar a realidade de forma positiva. Ideologia esta construída a partir das relações de opressão, de desigualdade social, de submissão, presentes nas condições de vida e na estrutura psíquica da classe mais pobre (GÓIS, 1994), que “agredem e oprimem o núcleo de vida dos desfavorecidos economicamente, gerando então um posicionamento existencial, um jeito de viver frente a essa realidade” (BARBOSA, 1999, p.75), identidade de oprimido.

Entendemos identidade como “a expressão biológica, histórica, cultural universal e singular da individualidade revelada permanentemente (em movimento, metamorfose) no processo de interação, representação e identificação com a vida social” (GÓIS, 1994, p.55). Como forma de expressão do sujeito, a partir das relações concretas, por ele estabelecidas no cotidiano físico-social, a identidade de oprimido caracteriza-se como produto das relações de opressão presentes no dia-a-dia da classe pobre. (GÓIS, 2007).

O sujeito comunitário se constrói na comunidade, a qual é entendida como “o espaço social de intermediação da vida familiar com a vida da sociedade, no qual o indivíduo é confirmado como membro de uma determinada cultura e com uma determinada identidade de lugar” (GÓIS, 2007, p. 42). É um espaço de convivência onde sujeito se constrói, estabelecendo vínculos afetivos com os demais sujeitos desse local, compartilhando as lutas, desafios e um mesmo campo de representações. (GÓIS, 2005). Reconhecemos a comunidade como um espaço que reproduz as representações de uma supra-estrutura, a sociedade, mas possui suas particularidades, inerentes aquele território.

Assim, acreditamos que o homem é detentor de inúmeras potencialidades, possibilidades, maneiras de ser e estar no mundo, apesar das inúmeras dificuldades a ele impostas no seu viver cotidiano. A partir da comunidade, podemos tocar as pessoas, proporcionando a elas um novo olhar sobre a realidade concreta e os sistemas de representações nessa construídas. É o exercício de facilitar a transformação da identidade do sujeito, bem como da realidade da qual ele faz parte.

A Psicologia Comunitária ao propor essa transformação social em busca de melhores condições de vida, entende essa relação do homem com o espaço em que vive, estuda o reflexo psíquico do modo de vida comunitário⁵.

Podemos dizer que a Psicologia Comunitária estuda o modo de vida da comunidade e do município e de como este se reflete e muda na mente de seus moradores para, de novo, surgir transformando, singularizado em suas atividades concretas no dia-a-dia do lugar (GÓIS, 2005, p.51-52).

A atuação em psicologia comunitária consiste em facilitar a expressão de uma identidade humana plena, rompendo com as amarras que aprisionam a capacidade do homem de evoluir de ser mais (FREIRE, 1987). Identidade esta que ganha sentido a partir da vida social e comunitária vivida no lugar/comunidade (BARBOSA, 1999).

Assim, consideramos nosso objeto de estudo da psicologia comunitária a forma como o mundo externo é refratado (LEONTIEV, 1978) no mundo interno, caracterizando assim a interação entre o homem e o mundo. Entender, nesse processo, como o indivíduo subjetiva a realidade e como se objetiva nesta, ou seja, como ele compreende e internaliza o meio onde vive bem como a forma que ele age diante dessa compreensão.

A percepção dessa dinâmica do psiquismo humano surge a partir do olhar sobre a atividade comunitária.

Podemos dizer que a atividade comunitária é a atividade prática e coletiva realizada por meio da cooperação e do diálogo em uma comunidade, sendo orientada por ela mesma e pelo significado (sentido coletivo) e sentido (significado pessoal) que a própria atividade e a vida comunitária têm para os moradores da comunidade. (GÓIS, 2005, p. 89)

A atividade comunitária se constitui por uma dimensão instrumental e por outra comunicativa, sendo a primeira a interação do indivíduo com um instrumento, um material, que resulta na produção de algo interferindo na realidade presente. A segunda interação com outros indivíduos presente no seu meio social. Podemos considerar como instrumento, por exemplo, a elaboração de um projeto, um encontro que os sujeitos organizam, e a outra dimensão, as interações, conversas, troca de experiências, diálogos que ocorrem nesses espaços.

Segundo Leontiev (1979, apud GÓIS, 2005, p.98) compreendemos que “a consciência individual do homem só pode existir nas condições que existem a consciência social”. Sobre

⁵ Esse conceito será melhor abordado do capítulo 2.

esse olhar, observamos que a consciência tem uma dimensão social, e uma dimensão individual, que interagem continuamente, no movimento de construção de si e da realidade onde se vive.

Assim, o principal objetivo da psicologia comunitária é a co-construção do sujeito comunitário, e como consequência do desenvolvimento desse sujeito, o desenvolvimento comunitário. (GÓIS, 1994, 2003, 2005, 2007).

O desenvolvimento comunitário pode ser visto não apenas como uma estratégia de resolução de problemas circunstanciais, mas também como uma “pedagogia da participação”, em que os moradores, gradativamente, tornam-se mais responsáveis por seu entorno e por sua história coletiva. ... E, ainda, o termo desenvolvimento comunitário evidencia a necessidade de ações que valorizem a cooperação, a solidariedade e os vínculos afetivos construídos na convivência dos moradores de uma comunidade por meio do sentimento de pertença, que é vivenciado independentemente da influência dos agentes externos. (AMARAL, REBOUÇAS JUNIOR, BARROS e XIMENES, 2007, p.10).

É possibilitar que os sujeitos assumam as responsabilidades da sua vida e das questões relacionadas ao seu local de moradia, acreditando que pode sim, que são capazes de realizar mudanças, em parceria de outros indivíduos que compõe esse espaço, de uma maneira dialógica. Essa co-construção se dá com a transformação não só dos indivíduos com quem trabalhamos, mas com a nossa transformação também. Dentro das práticas de psicologia comunitária procuramos utilizar o termo cooperação, que traz um outro olhar sobre o trabalho do psicólogo com as pessoas da comunidade.

O psicólogo traz consigo um saber acadêmico, cheio de formas e fórmulas, e se propõe a trabalhar junto com as pessoas da comunidade, que também tem seu saber específico, popular, do cotidiano. Dentro desse processo, as posturas de diálogo e de cooperação são necessárias para a construção de coisas conjuntas, na busca de transformação social. Implica na concepção de um trabalho coletivo, libertador e crítico, onde o exercício de perceber o outro e as suas idéias contribuem para a formação ética dos profissionais (XIMENES, NEPOMUCENO e MOREIRA et.al. 2006), e dos sujeitos comunitários.

Entendemos por diálogo (FREIRE, 1987) um encontro amoroso onde indivíduos partilham saberes, conhecimentos, formas de compreender e sentir a realidade, respeitando um ao outro e suas formas de expressão autênticas. Acreditar que os psicólogos ficam ilesos a toda uma série de informações, sentimentos, sentidos, valores compartilhados em uma comunidade, é não ter o olhar sobre a força, sobre a potencialidade, sobre o sofrimento, a

opressão, a alegria, o prazer, a dor que existem naquele espaço, convivendo de forma conjunta e complexa, se misturando na teia comunitária, rompendo com a neutralidade científica.

O método em psicologia comunitária, que fala da análise e vivência da atividade comunitária é conhecido como Método Dialógico-Vivencial (GÓIS, 2005b), no qual buscamos aprofundar cada vez mais essa compreensão sobre a realidade de lugar onde nos inserimos. A dimensão do diálogo traz esse encontro entre saberes, o acadêmico e o popular. A dimensão da vivência do modo de vida comunitário significa compartilhar junto com as pessoas da comunidade sentimentos, sentidos, significados que surgem a partir do seu dia-a-dia naquele lugar.

Assim, essa atuação permite ao profissional em psicologia que não só conheça esse lugar através de uma mediação pelo diálogo e pela vivência, mas também se transforme nesse trabalho, instaurando o compromisso ético-político dele e dos moradores para com a transformação e o desenvolvimento comunitário.

A Psicologia Comunitária deve se preocupar com as condições do modo de vida do lugar (internas e externas) que impedem aos moradores se tornarem sujeitos de sua comunidade, e as que os fazem sujeitos dela, ao mesmo tempo em que, no ato de compreender e compartilhar a vida comunitária com os seus moradores, trabalhar com eles a partir dessas mesmas condições... (GÓIS, 2005a, p.52).

Para Góis (2005), o sujeito comunitário não aprofunda a consciência apenas adequando-se, aceitando a realidade como lhe é dada, mas conhecendo-a, questionando-a, transformando-a, a partir de um movimento de apropriação da mesma. Neste sentido, a Psicologia Comunitária tem um papel importantíssimo ao problematizar (FREIRE, 1987; MONTERO, 2004) como o sujeito percebe o seu modo de vida seus processos e como o modifica e que recursos ele e a comunidade possuem para alcançar essa transformação.

Sobre o ato de problematizar, Montero (2004, p.231) fala que “... es entonces una estrategia para desarrollar la consciencia crítica que, a la vez que se desarrolla em la reflexión y em la acción, produce a través de ambas la transformación de las circunstancias naturalizadoras y alienadoras”.

Assim, a Psicologia Comunitária, em seus trabalhos, acredita que esse sujeito, através do processo do aprofundamento da consciência, apropriasse dessa realidade de forma concreta, simbólica e afetiva, tendo a capacidade de transformá-la.

2. O OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO – CULTURAL.

Neste capítulo, abordaremos inicialmente aspectos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural. Iniciaremos com um breve histórico do contexto de onde surge essa teoria. Em seguida, tomaremos a concepção de desenvolvimento humano como ponto de partida de onde desenvolveremos os outros conceitos centrais da Teoria Histórico-Cultural. Apresentaremos como se dá o surgimento das funções psicológicas superiores (FPS), bem como a sua relação com categorias como atividade e consciência e alguns conceitos como, mediação, sentidos, significados, pensamento e linguagem.

Em seguida, apresentaremos de que forma esses aspectos se relacionam com a construção da Psicologia Comunitária, contribuindo no seu embasamento teórico-metodológico, e no seu campo prático de atuação.

2.1 Psicologia Histórico-Cultural: um breve histórico

A Psicologia Histórico-Cultural surge na URSS, no início do século XX, logo após a Revolução Russa de 1917. Era parte de um movimento de crítica as formas de relações sociais vigentes na época, o qual propunha uma nova leitura sobre a realidade, e de transformação sobre a mesma. (BARROS, 2005).

A forte influência do Materialismo Histórico – Dialético de Marx e Engels, contribuiu para o surgimento dessa nova psicologia (REGO, 1994). De acordo com essa base marxista, a realidade se caracteriza como categoria primordial para a construção de uma ciência, entendendo que a teoria, a construção lógica de determinado fenômeno surge a partir do contato do homem com o mundo material.

Essa teoria psicológica teve como o seu principal expoente, o russo L.V. Vigotsky, que junto de seus dois principais colaboradores, A.N. Leontiev e A. R. Luria, desenvolveram uma análise crítica as psicologias da época, e uma nova construção teórico-metodológica, a partir de uma nova compreensão do homem. (BARROS, 2005)

Segundo a Escola Soviética, as teorias psicológicas dessa época dividiam-se em duas: uma de cunho naturalista, a qual compreendia o homem a partir das ciências naturais, com uma visão objetivista e mecanicista do psiquismo através do estudo de reflexos simples, e de

processo fisiológicos elementares (LURIA, 2001); e a outra de cunho idealista, compreendendo o homem a partir de idéias filosóficas, e com condições inerentes a uma essência presente desde o nascimento, na alma, sem influência do contexto o qual o homem se encontrava. (BARROS, 2005)

A Escola Soviética, sobre a representação de Vigostky, propõe a construção de uma terceira corrente, que a partir de uma rigorosa análise teórico-metodológica das psicologias da época, propusesse uma Psicologia a qual compreendesse o homem de forma mais integral e complexa. (VIGOTSKY, 2001)

O grande enfoque de leitura da condição humana nessa nova psicologia se dava na interação do homem com o meio social:

Para explicar as formas mais complexas da vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar vida consciente e do comportamento “categorial”, não nas profundidades do cérebro ou da alma, mas sim nas condições externas da vida e, em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem (LURIA, 2001, p.21).

Assim para compreender a constituição do psiquismo humano, à luz da Teoria Histórico-Cultural, é necessário observar a dinâmica dos comportamentos, com o olhar sobre o processo dos mesmos (VIGOTSKY, 2002).

O termo “cultural” diz respeito à capacidade da sociedade desenvolver “modos essencialmente culturais para organizar as relações e as tarefas que são apresentados aos indivíduos”, proporcionando aparatos simbólicos necessários para a constituição desse psiquismo. Já o termo “histórico” diz respeito à capacidade dessas ferramentas e estratégias, culturalmente construídas, serem transformadas ao longo de um processo histórico “com base nas condições concretas e nos desafios que se apresentam às pessoas e às coletividades” (BARROS, 2005, p.5).

Desta forma, a Psicologia Histórico-Cultural compreende o sujeito como ativo, histórico-cultural, capaz de transformar a realidade e a si mesmo, ao longo da história da humanidade e das necessidades apresentadas nesse momento, para melhorar a sua vida. (OLIVEIRA, 1998; VIGOTSKY, 2001; LEONTIEV, 1978).

2.2 Desenvolvimento Humano e a constituição do psiquismo à luz da Teoria Histórico Cultural

Ao falarmos da influência da Psicologia Histórico-Cultural na Psicologia Comunitária, tomaremos como base geral a concepção de desenvolvimento humano dessa perspectiva, que sustenta a nossa compreensão de homem, de mundo nesse contexto. As categorias abordadas nesse processo, como atividade, consciência, e os conceitos nelas presentes como zona de desenvolvimento potencial, internalização, mediação, bem como isso é contextualizado, na construção e no fazer da psicologia.

Para a Vigotsky (2001), o desenvolvimento acontece em duas linhas, uma biológica e outra cultural, onde a primeira é a base do sujeito desde o seu surgimento e a segunda se dá a partir de determinado momento do desenvolvimento humano. Além dessas linhas percebemos os níveis que são representados nesse processo de desenvolvimento:

filogenético (desenvolvimento da espécie humana), sociogenético (história dos grupos sociais), ontogenético (desenvolvimento do indivíduo) e microgenético (desenvolvimento dos aspectos específicos do repertório psicológico dos sujeitos), os quais interagem na construção dos processos psicológicos (OLIVEIRA, 1998, p.55)

O animal possui essa base biológica, que orienta o seu estar no mundo, dentro do processo de desenvolvimento, uma base de hereditariedade biológica, herdada da espécie ao longo da evolução da mesma. Outra linha é a aprendizagem ao longo da vida, a partir de experiências vivenciadas no mundo, as quais são inerentes a cada animal, não sendo transmitida a outros, filogeneticamente. (LEONTIEV, 1998)

No caso do homem, além dessa base biológica, herdada do seu processo de hominização, que vai além do animal primitivo, ele possui o desenvolvimento cultural, a partir de construções de uma vida social, elaboradas antes mesmo do surgimento desse sujeito, e que caminham de forma mais rápida que o processo de evolução biológica.

o processo histórico é extremamente rápido, acelera-se muitas vezes e por conseguinte as “aptidões” que as próprias condições da vida social exigem do homem mudam rapidamente e de uma maneira absolutamente independente em relação à marcha muito mais lenta das fixações biológicas da experiência. (LEONTIEV, 1991.p.63)

O processo de aprendizagem do homem através da interação com o meio externo ocorre de uma maneira mais elaborada, a partir de um diferencial que é a experiência histórico-cultural. Esse tipo de experiência traz consigo outras formas de transmissão das idéias, conceitos construídos pela humanidade antes desse indivíduo nascer, ou seja, o

homem, assim como o animal, possui um desenvolvimento através do que é vive, mas neste caso, a experiência humana é compartilhada culturalmente.

A linguagem tem um importante papel na transmissão dessa experiência vivenciada pelos outros homens⁶. Ela caracteriza-se como um mecanismo, criado pelo homem, para o repasse das construções culturais.

O processo de interação do indivíduo com o meio social contribui para o desenvolvimento do que Vigotsky (2001) chama de Funções Psicológicas Superiores (FPS), a partir de uma base biológica nele presente. Através do processo de internalização, caracterizado por Vigotsky (2002, p.74) como “a reconstrução interna de uma operação externa”. Desta forma essas funções se desenvolvem “a partir da relação da pessoa com as demais, com os objetos e com o legado simbólico do seu contexto histórico-cultural” (BARROS, 2007, p.27), sem que as funções mais elementares desapareçam⁷.

As FPS compreendem todo um aparato de funções que constituem a consciência do homem e que refletem no seu modo de agir e de ler o mundo. Dentre elas, a partir das conceituações de Vigotsky (2001) podemos destacar a memória lógica, o pensamento abstrato, imaginação criativa e atenção voluntária.

O processo de formação das funções psicológicas superiores, e a relação entre estas são frutos da relação do sujeito com o meio no qual se insere, ou seja, antes de serem internalizadas, essas funções foram “relações reais entre pessoas” (VIGOTSKY, 1929, p.23). Com um olhar sobre esse processo, Vigotsky (2002) afirma que o desenvolvimento humano e o surgimento das FPS ocorrem do nível social (interpsíquico) para o individual (intrapíquico), ocorrendo, porém de uma forma dialética, em uma transformação contínua.

Nessa visão, homem não se caracteriza apenas como um “depósito” apenas recebendo as informações do mundo, de forma passiva, mas sim como agente de mudança, um homem ativo, histórico (Leontiev, 1978), dentro de uma realidade que muda constantemente, assim como ele próprio.

A interação homem e mundo, responsável pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores, bem como o processo de construção da identidade individual e social desses sujeitos, acontece a partir de um processo conceituado por Leontiev (1978) como atividade humana, onde o homem age sobre a realidade com um determinado fim, um determinado objetivo.

⁶ A questão da linguagem no psiquismo humano será abordada em um tópico mais adiante ainda nesse capítulo.

⁷ Vigotsky define as Funções Elementares como aquelas atreladas a linha biológica do desenvolvimento. Entre elas podemos destacar a memória mecânica, a atenção involuntária, a imaginação reprodutora e a vontade impulsiva.

2.3 Atividade Humana: a transformação do homem e da realidade.

Leontiev (1979, p.11) caracteriza atividade como “el proceso en el cual tienen lugar las transformaciones mutuas entre los pólos “sujeto-objeto””. Podemos considerar a expressão “objeto” como o mundo, outros sujeitos, ou as construções simbólicas realizadas no meio social.

A partir da leitura do interacionismo dialético de Marx (LEONTIEV, 1978), o conceito de atividade humana diz que o homem interage com o mundo objetivo, concreto, e a partir dessa interação percebe e internaliza os processos construídos nesse meio. Desta forma, o movimento de construção do homem no mundo ocorre do meio externo para o interno através do processo de internalização.

Leontiev (1978) afirma que a atividade possui duas dimensões na sua realização: comunicativa e a instrumental. A primeira refere-se à interação do homem com os outros ocorrendo de forma cooperativa, na interação entre sujeitos. Já a segunda, refere-se às construções realizadas pelo homem sobre a realidade, realizando assim uma ação produtiva⁸ (MARX sem data apud LEONTIEV, 1978) como resultado dessa interação.

A interação do homem com o mundo através da atividade ocorre de forma mediada⁹ (VIGOTSKY, 2002), ou seja, através da presença de instrumentos que servem como uma espécie de “ponte” entre o sujeito e objeto, o qual deseja transformar na realidade. Através do manuseio desses instrumentos, o homem apropria-se do mesmo para transformar o mundo, e nessa atividade transformar a si mesmo em um processo contínuo. Os instrumentos caracterizam-se como objetos sociais, nos quais se cristalizam as operações de trabalho historicamente construídas e elaboradas (LEONTIEV, 1978), ou seja, as transformações dos instrumentos incorporam processos humanos presentes na construção dos mesmos.

O ser humano possui não apenas a capacidade de manusear instrumentos externos, físicos, como por exemplo, um machado, mas sim criar outros instrumentos internos, caracterizados por Vigotsky (2001) como signos¹⁰, os quais possibilitem um avanço no

⁸ Consideremos atividade produtiva no sentido de produzir, criar algo, não no sentido valorativo, ou de atividade lucrativa.

⁹ Oliveira (1998, p.26) define mediação como “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser mediada por esse elemento”. A concepção da atividade mediada na obra vigotskiana confere a compreensão da relação entre o homem e o meio de uma forma mais complexa.

¹⁰ Aguiar (2000) afirma que o signo como construídos culturalmente e pelos outros e após o processo de internalização ganham uma dimensão subjetiva. Bahktin (1991, p.15) compreende todo signo como ideológico, onde a ideologia é um “reflexo das estruturas sociais”, ou seja, uma representação do real. A ideologia é considerada como um espaço de contradição e como tal é responsável pelas mudanças ideológicas cotidianas e assim nas mudanças das formas do sujeito de perceber o mundo, pelos signos. (BAHKTIN, 1991)

processo de desenvolvimento do psiquismo. Segundo Vigotsky (2002, p. 70) “o signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho”.

Com o surgimento dessa capacidade, o homem adquiriu a capacidade de realizar a atividade mental, executando a ação mentalmente, sem necessariamente realizá-la no mundo concreto, caracterizando um avanço da espécie humana. Rodrigues (2007, p. 21) caracteriza essa capacidade como “experiência duplicada”, a qual define como “a possibilidade de o resultado de um trabalho existir idealmente antes da realização deste. Tal elemento possibilitaria ao homem adaptar ativamente o mundo a si mesmo, estando relacionado à sua capacidade de criar e antever suas ações”.

A partir da compreensão de signo, observamos que a mediação do homem não se realiza apenas com instrumentos externos, pois o sujeito, através dos seus próprios instrumentos internos media a si próprio, na realização de uma tarefa, graças à internalização dos signos.

Leontiev (1979, p.13) afirma que “el desarrollo del contenido objetivo de la actividad encuentra su expression en el desarrollo psiquico que le sigue, el cual regula la actividad en el mundo de los objetos” Assim abordamos o conceito de reflexo psíquico da realidade, que é a forma como o sujeito significa o mundo, guiando a sua ação no mesmo através dessas significações. Vale salientar que isso não ocorre de forma passiva, mas, nesse processo de significação o sujeito também, constrói sentidos¹¹ a partir de experiências pessoais que refletem também na sua forma de compreender a realidade.

Luria (2001, p.21) conclui que “o objeto da psicologia não é um mundo interno em si mesmo, é o reflexo do mundo externo no mundo interno (...) é a interação do homem com a realidade”. Desta forma, o reflexo psíquico se torna objeto de análise do psiquismo humano, compreendendo como o indivíduo subjetiva a sua realidade, como guia suas ações, atitudes, objetivando o seu ser e como ele organiza o mundo externo, internamente, e age sobre o mesmo.

Como exemplo de atividade humana, ao longo da evolução do homem, podemos citar o trabalho. Segundo Leontiev (1960), a interação entre os sujeitos, no trabalho, possibilitou o surgimento de novas formas de organização social, bem como instrumentos cada vez mais sofisticados (dimensão instrumental). A necessidade de repassar essas construções humanas para as próximas gerações, possibilitou ao homem criar outras formas de transmissão das

¹¹ Abordaremos esse conceito em um tópico mais a frente.

práticas de trabalho, como o símbolos, os quais contribuíram no ensino dessas técnicas (dimensão comunicativa), o que resultou no surgimento da linguagem, enquanto função psicológica superior.

Leontiev (1978) afirma que o aparecimento e desenvolvimento do trabalho possibilitaram a formação e hominização do cérebro humano, dos órgãos do sentido e da atividade externa. O desenvolvimento do trabalho na evolução da espécie humana acarretou uma série de transformações na sua aparência física, bem como sua organização anatômica e fisiológica. Desta forma, o processo de interação com o meio, não modifica apenas a realidade externa, mas também sua realidade interna, através do desenvolvimento de faculdades nele adormecidas.

Observamos nesse processo o caráter ativo do sujeito sobre a realidade, podendo transformá-la para melhor sobreviver nesta. Desta forma o trabalho é considerado um processo social, através do qual surgiu a linguagem enquanto instrumento importante na realização do mesmo.

2.4 Linguagem e Pensamento: compreender e anunciar o mundo e a si mesmo.

Durante o desenvolvimento humano, no início no processo de hominização, o intelecto independe da fala e vice-versa. Já quando passamos para a humanização de acordo com Vigotski (2001), há uma fase pré-verbal do pensamento, exemplificada em reações intelectuais rudimentares e pelo uso mecânico de instrumentos, e uma fase pré-intelectual da linguagem, materializada no predomínio de funções expressivo-emotivas e de contato social da fala. Assim, no contato do homem com a sua realidade, o pensamento e a linguagem antes caracterizados como funções elementares (VIGOTSKY, 2002), agindo de maneira dissociada, se “cruzam” no processo de desenvolvimento humano, evoluindo para funções psicológicas superiores. Leontiev (1978, p.90) conceitua pensamento como “o processo de reflexo consciente da realidade, nas suas propriedades, ligações e relações objetivas, incluindo mesmo os objetos inacessíveis à percepção sensível imediata”.

De acordo com Luria (2001, p. 22) a linguagem enquanto ferramenta psíquica “transformou-se em instrumento decisivo do conhecimento humano, graças ao qual o homem pode superar os limites da experiência sensorial, individualizar, as características, fenômenos, formular determinadas generalizações e categorias”. A junção dela ao pensamento, outra

forma função elementar, responsável por orientar a forma de perceber o mundo (VIGOTSKY, 2001), possibilitou o surgimento do “pensamento abstrato categorial”¹² (LURIA, 2001, p.22).

Pela linguagem, mais especificamente pela palavra, caracterizada como código que designa nossa experiência (LURIA, 2001), o homem anuncia-se no mundo, objetiva a sua consciência, junto à estruturação possibilitada pelo pensamento conceitual.

Consideramos o encontro entre essas duas funções como resultado da internalização das funções psicológicas superiores. Nesse processo, a palavra é um signo que permite a interação entre essas duas funções e ação delas sobre o mundo. A partir do que elaboramos acima sobre a questão dos signos, consideramos a palavra enquanto um signo ideológico (BAHKIN, 1991 apud. AGUIAR, 2000). Desta forma, podemos construir o seguinte raciocínio: a palavra é signo, todo signo é ideológico, ideologia evidencia as contradições das relações sociais, e a partir dessas contradições, as construções ideológicas se renovam. Assim, podemos ter uma visão de mudança sobre as formas como o sujeito estrutura as suas funções psicológicas¹³.

Vigotsky (2004, p.182) considera que o pensamento é anunciado através da fala, ou seja, através da palavra, afirmando que “o pensamento é uma nuvem, da qual a fala se desprende em gotas”. Sobre as FPS, que antes de se internalizarem caracterizam-se como interações sociais, Vigotsky (1929, p. 25) faz uma afirmação sobre as relações presentes na palavra: “atrás do poder psicológico da palavra sobre as funções psicológicas está o poder real do chefe e do subordinado”¹⁴.

A apropriação da realidade e suas formações culturais, ideológicas, também implicam na compreensão dos significados compartilhados por esse e meio social, bem como que sentidos os sujeitos inseridos no mesmo constrói a partir das suas experiências.

2.5 Sentidos, significados, sentimentos.

¹² De acordo com Luria (2001) esse tipo de pensamento é caracterizado pela capacidade do sujeito de pensar de forma abstrata, para além da forma sensorial, evidenciando uma complexificação nas formas de pensamento do sujeito, devido à internalização das funções psicológicas superiores.

¹³ Esse pensamento é muito importante para psicologia comunitária a partir do momento em que propõe uma resignificação do conjunto de representações ideológicas pelos sujeitos, nos permitindo vislumbrar uma mudança na forma de compreender a sociedade e a si mesmo dentro desta.

¹⁴ Essa observação também é muito importante para a psicologia comunitária, por evidenciar caminhos os onde podemos exemplificar as relações de opressão, que contribuem para o surgimento de uma identidade de oprimido, a qual combatemos.

Leontiev (1978) afirma que na relação do homem com o mundo, os sentidos exemplificam a relação do sujeito com as suas experiências vividas no meio social. Já os significados são generalizações, conceitos (OLIVEIRA, 1998) construídos socialmente para definir as experiências, práticas, valores, condutas compartilhadas por um determinado grupo social.

Para Leontiev (1960, p.355) “las emociones y los sentimientos son la vivencia de que los objetos y fenómenos reales correspondem, o no, a las necesidades del hombre y a las exigencias de la sociedad”. A partir desses conceitos e da noção de atividade humana, compreendemos o papel dos sentidos, sentimentos e significados na orientação das ações do sujeito sobre o mundo. As necessidades, objetivos, desejos implícitos na realização de alguma atividade deve ser consideradas na tentativa de compreender com se dar a relação do homem e sua realidade. Para Leontiev (1960) as necessidades humanas são muito variadas, podendo agradar a um determinado tipo de pessoas, ou não satisfazer a outras. Nesse caso, os sentimentos, bem como os significados e sentidos auxiliam na orientação da atividade humana para determinado objeto, na sua intencionalidade.

Rodrigues (2007, p.35) no estudo sobre o lugar dos sentimentos na consciência, conceitua as emoções como um “conjunto de reações corpóreas, vinculadas de modo reflexo aos estímulos da realidade e o sentimento a percepção consciente destas reações, que podem adquirir de novo estímulo para o organismo”.

Consideremos aqui a importância de falar das emoções enquanto base biológica desse homem histórico-cultural, ou seja, não esquecendo as duas dimensões de seu desenvolvimento, anteriormente mencionadas. Assim as emoções estão mais ligadas a necessidades básicas e reações mais orgânicas, já os sentimentos possuem um caráter histórico, pois aparecem ao longo da evolução da espécie da humana, no nível ontológico, a partir da capacidade dos sujeitos em conceituar, e elaborar reflexões sobre as experiências vividas da realidade concreta. (LEONTIEV, 1960)

Rodrigues (2007) toma como base a teoria histórico-cultural para elucidar a importância desses conceitos na tentativa de compreender o reflexo psíquico da realidade a partir do sujeito:

Vigotski (1989) distingue dois componentes básicos do significado da palavra: o significado propriamente dito e o sentido. O primeiro refere-se a um núcleo relativamente estável da palavra, compartilhando por todas as pessoas que utilizam essa palavra. Já o sentido representa o significado da palavra para indivíduo e é o construído com base no contexto de uso da palavra e nas vivências afetivas do indivíduo (RODRIGUES, 2007 p.37).

Esse esquema de sentidos e significados orienta a atividade do homem para o seu determinado interesse, para a forma como ele deseja conduzir, de que maneira deseja realizar, aliando-se, assim a um esquema, de necessidade-desejos-objetivos-objetos (GÓIS, 2007) que orientam a atividade desse sujeito.

2.6 Consciência

Sobre o olhar da Psicologia Histórico-Cultural podemos caracterizar a consciência como “uma propriedade do cérebro, filogenética e historicamente desenvolvida, a última a se manifestar no sistema das funções psicológicas superiores” (GÓIS, 2005, p.97).

A formação dessa consciência no ser humano acontece através da interação deste com o mundo, através da atividade humana prática concreta, transformando a essa realidade e ao sujeito, continuamente. Esse sistema psíquico se compõe de uma consciência individual, composta de sentidos (significados pessoais), e de uma consciência social, composta por significados (sentidos coletivos) (VIGOTSKY, 2002).

Leontiev (1991, p.94) conceitua a consciência como “o reflexo psíquico da realidade, refratada através do prisma das significações e dos conceitos lingüísticos elaborados socialmente”. Percebemos que a consciência não precede a atividade humana, mas se constitui nesta a partir de um aparato de sistema que interagem e não herdados, desenvolvendo-se a partir de uma base biológica, ou seja, a partir do surgimento das funções psicológicas superiores. Assim percebemos a constituição da consciência como:

A consciência humana não é uma coisa imutável. Alguns de seus traços característicos são, em dadas condições históricas concretas, progressivos, com perspectivas de desenvolvimento, outros são sobrevivências condenadas a desaparecer. Portanto, devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações. (LEONTIEV, 1978, p.89 apud RODRIGUES, 2006, p.22).

O processo de subjetivação dessa realidade, bem como a objetivação do ser (LEONTIEV, 1978), ocorre de forma contínua e dialética resultando em constantes transformações tanto do homem como da sociedade. Essas transformações contínuas atribuem

à consciência um fluxo contínuo¹⁵ (grifo nosso), capaz de ser objetivada através das funções psicológicas superiores, como o pensamento e a linguagem, responsáveis pela estruturação das idéias presentes nesse fluxo para que sejam anunciadas, transmitidas ao meio social (VIGOTSKY,2004).

Assim, consideramos a consciência como o aparato psíquico onde interagem as funções psicológicas superiores que agem sobre a conduta do sujeito no mundo. De acordo com Vigotsky (2002), a apropriação da realidade pelo homem na construção de sua consciência dar-se graças ao processo de internalização dessas atividades, utilizando-se de instrumentos que agem como mediadores da relação indivíduo-mundo, no seu caminho de compreensão do mundo. Depois, nesse processo surgem os signos, a partir da constituição das funções psicológicas superiores e assim da consciência, que se constrói, a partir da atividade concreta, prática, real, e depois se tornando atividade mental.

Luria (2001) explica como ocorrem as modificações da consciência a partir do contato com meio, na dimensão fisiológica.

o organismo recebe uma informação, a refrata através do prisma de suas necessidades ou tarefas, a elabora. Com ajuda da “estimulação antecipada”, cria um modelo, um determinado esquema dos resultados esperados e, caso seu comportamento coincida com estes esquemas, a conduta cessa, caso contrário, a excitação se prolonga (LURIA, 2001, p.21)

Com base nessa afirmação, podemos estabelecer algumas reflexões sobre temas abordados anteriormente. As contradições presentes no dia-a-dia interferem de forma significativa, na estruturação da consciência e de como esta lê o mundo. Caso alguma manifestação no meio não corresponda com o esquema das funções psicológicas superiores, estes criam outras formas de se re-estruturar para compreender esses novos estímulos.

Como exemplo disso, observamos a questão dos signos ideológicos e as contradições que os modificam. A idéia do surgimento de novas coisas a partir da contradição e da elaboração abstrata de algo que se manifesta no meio social, se pauta no interacionismo dialético. A teorização de algo surge a partir da capacidade do homem de refletir sobre a realidade concreta, onde vive, e daí criar um raciocínio lógico sobre isso, bem como o

¹⁵ Segundo Góis (2005) a partir das idéias de Freire, a compreensão dos sujeitos sobre a sua realidade está imbricada com o contexto histórico-cultural onde este vive. A partir dessa reflexão conceitua três tipos de sociedade: as fechadas, as em transição e as abertas. A partir dessa reflexão propõe três tipos de consciência: a semi-intransitiva, a transitiva ingênua, e a transitiva crítica.

encontro entre opostos resulta no aparecimento do novo, num movimento de tese – antítese, síntese. (TEIXEIRA, 2005)

Outra característica ligada importante, a qual traz à tona a pluralidade as quais a consciência pode tomar em relação ao meio onde vive, é a flexibilidade dos comportamentos da espécie, presentes no animal e no homem, contribuindo com a capacidade adaptativa do ser em relação ao meio onde vive. No caso da condição humana a arrumação se dá de uma forma mais complexa em virtude das funções psicológicas mais evoluídas, mas existe no homem uma base biológica, que serve de estrutura básica para essa adaptação. Essa característica é a plasticidade cerebral (OLIVEIRA, 1998).

Compreensão de como o psiquismo se estrutura, os caminhos de sua formação e interação com o contexto social, clarificam como o profissional de psicologia pode atuar, a partir da perspectiva de transformação social (GÓIS, 2005), a qual a psicologia comunitária se propõe.

2.7 A Psicologia Comunitária e esses conceitos.

A Psicologia Comunitária¹⁶ tem como objetivo a co-construção dos sujeitos comunitários, através do fortalecimento da identidade desses sujeitos, pelo processo de conscientização (FREIRE, 1987) dos mesmos, e como consequência disso o desenvolvimento comunitário (GÓIS, 2005a). De acordo com Brandão (1999) a psicologia comunitária do Ceará tem como questão fundamental a construção de uma identidade humana entendida como um complexo, o qual o desenvolvimento só é possível a partir de três esferas que o compõe: a atividade, a afetividade e a consciência (LANE, 1996 apud BRANDÃO, 1999). Compreendemos assim que a transformação da identidade do sujeito no mundo acontece a partir das formas como ele interage no mesmo, como ele internaliza essas interações, e quais as implicações em termos de sentido, sentimento e significado decorrentes dessas experiências, em um movimento cognitivo-afetivo.

Entendemos conscientização como processo de aprofundamento da consciência (GÓIS, 2005a), ou seja, a transformação da consciência, possibilitando uma leitura e compreensão da realidade de forma crítica e complexa nas suas diversas formas de interação. Segundo Martin-Baró (1996 apud VIEIRA e XIMENES, 2007) a conscientização caracteriza-se como o ponto primordial para o *quefazer* psicológico, ou seja, o aprofundamento da

¹⁶ Lembrando que a psicologia comunitária da qual falamos é a desenvolvida no Ceará, que diz respeito às experiências do autor com esse ramo da psicologia.

consciência dos sujeitos envolvidos na atuação em psicologia comunitária é um ponto crucial no trabalho do psicólogo comunitário. Tomando o conceito de conscientização a partir das idéias de Paulo Freire, aliamos a compreensão desse movimento à forma como a psicologia histórico-cultural explica a formação do psiquismo humano. O olhar sobre a construção do sujeito a partir atividade, mais especificamente, a atividade comunitária, caracterizada como:

atividade prática e coletiva realizada por meio da cooperação e do diálogo em uma comunidade, sendo orientada por ela mesma e pelo significado (sentido coletivo) e sentido (significado pessoal) que a própria atividade e ávida comunitária em para os moradores da comunidade. (GÓIS, 2005a, p. 89)

A partir desse olhar, afirmamos como esses sistemas interagem, objetivando na forma de atividades comunitárias e condições de gerais de vida (GÓIS, 2007). Assim a leitura a partir da teoria histórico-cultural sobre o sistema o qual se organiza a atividade humana, e como ele se reflete na forma como o sujeito interage na comunidade, se faz necessária para uma maior compreensão do sujeito comunitário. Segundo Góis (2007), a relação entre a dimensão instrumental e a comunicativa, na atividade comunitária não pode ser dissociadas, pois, caso o haja, a compreensão do sujeito da realidade concreta a partir do que é nela vivenciado fica enfraquecida, como consequência dessa separação.

Considerar os sentimentos, sentidos e significados dos sujeitos da comunidade a respeito do seu espaço físico nos permite perceber quais as implicações que estes tem com o meio onde vivem, quais as histórias, tristezas e alegrias se compartilham naquele espaço (GÓIS 2003).

É importante considerar a quebra de um dos mitos, proposta pelos psicólogos da escola soviética, que é o da neutralidade da ciência, uma vez que a Psicologia Histórico-Cultural traz a concepção de que o cientista se implica no processo de construção do conhecimento, bem como na atuação com os sujeitos na realidade. (OLIVEIRA, 1998) Postura defendida, também, na psicologia comunitária.

Como nosso olhar se faz sobre o sujeito comunitário, devemos compreender seus sentidos e significados através da análise semiótica¹⁷, com um olhar sobre as formas as quais esse indivíduo utiliza para evidenciar a sua consciência. Freire (1987) fala da necessidade de perceber o universo vocabular do ambiente onde o sujeito vive, e assim compreender o campo semântico compartilhado neste espaço, o que é ponto de partida para o exercício de leitura e problematização da realidade. Assim, a reconfiguração dessas significações e sentidos,

¹⁷ Abordaremos questões sobre a análise semiótica no capítulo seguinte.

impactam na estruturação dos signos, bem como em uma nova percepção da realidade, a partir da evidencia das contradições¹⁸.

Como a relação dos homens com o mundo dar-se de forma mediada, seja de forma externa ou interna, o psicólogo comunitário se faz interlocutor da mediação, como facilitador desse processo, através da sua ação sobre a atuação comunitária.

Por compreender a construção social do homem vinda desse olhar histórico-cultural, a nossa atuação dar-se através de processos grupais onde percebemos a forma como os indivíduos interagem entre si, contribuindo para a transformação de si e dos outros e do mundo. Dentro de um processo grupal é importante para nós trabalharmos nessas ações mediadoras, pois nelas é que se fazem as pontes entre o homem e o mundo. Assim, a atuação da Psicologia Comunitária se faz a partir da compreensão do reflexo psíquico do modo de vida comunitário. A percepção de como o psiquismo humano permite a psicologia comunitária compreender a estruturação do mesmo, indo além das conceituações sobre esse processo, o que caracteriza essa uma das maiores contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a Psicologia Comunitária.

A noção de que a consciência desenvolve-se a partir da realidade e da atividade sobre essa, transformando o homem e o mundo, traz para psicologia comunitária uma compreensão de como transformar a realidade comunitária, a partir do desenvolvimento do sujeito comunitário. É a leitura da realidade, das formas de interação entre as pessoas, das ideologias que nela circulam que são constituintes da identidade desse sujeito e forma deste se orientar no mundo.

Perceber a sociedade estruturada dentro de uma relação de classes (GÓIS, 2007) é necessário para analisar como o aparato psíquico desse sujeito se constrói, a partir das interações sociais, e se anuncia no mundo. Esse contexto resulta no que Martin-Baró conceitua como postura fatalista do sujeito diante da realidade, acreditando que o seu destino está dado, Deus é quem define a vida das pessoas, aonde o conformismo, a aceitação, a submissão, reproduzem as relações de classe. (TEIXEIRA, AMARAL, FIGUEIREDO e MENDONÇA et. al, 2006). É a partir dessa realidade social e subjetiva a qual o Psicólogo Comunitário se propõe a trabalhar e transforma junto dos sujeitos comunitários.

¹⁸ Esse evidenciar dar-se a partir de uma postura dialógica do profissional em psicologia, no exercício de abertura para valorizar o que aquele sujeito apresenta de compreensão sobre a realidade, podendo daí mostrar outras formas de compreender essa realidade. Abordaremos mais essa questão ao falarmos do método.

Falar de facilitação de processos traz a noção de sujeito de potencialidades que temos na teoria da psicologia comunitária. Facilitar processos de sujeitos de potencialidades faz necessária a compreensão do conceito metodológico de Zona de Desenvolvimento Potencial¹⁹ (ZDP) (VIGOTSKY, 2002), o qual trabalhamos na perspectiva de uma cooperação entre as pessoas na atividade, construindo projetos, sonhos, e caminhado para um desenvolvimento dos sujeitos comunitários.

Depois de entender como se dá a constituição do psiquismo humano, a partir da Teoria Histórico-Cultural da Mente, como psicologia deve ter seu olhar sobre esse para proporcionar o desenvolvimento humano, e como esta teoria se contextualiza, na construção da teoria da Psicologia Comunitária, essas perguntas se fazem necessárias para pensarmos o *como fazer*. Como construímos o nosso método de atuação em psicologia comunitária partir desses aspectos aqui abordados.

¹⁹ Falaremos mais sobre esse conceito no capítulo sobre método

3. MÉTODO DIALÓGICO-VIVENCIAL - MDV: A ANÁLISE E VIVÊNCIA DA ATIVIDADE COMUNITÁRIA. .

Neste capítulo exploraremos o método em Psicologia Comunitária, a sua construção, bases teóricas, visão de homem, de mundo, e as suas relações com a Psicologia Histórico-Cultural.

Inicialmente abordaremos aspectos da teoria histórico-cultural da mente que contribuem na construção do método da psicologia comunitária como: a concepção de aprendizagem e desenvolvimento, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal-ZDP, o reflexo psíquico. Em seguida, exploraremos como é estruturado o Método Dialógico-Vivencial da Psicologia Comunitária, suas influências teóricas, bem como a suas interfaces com a Psicologia Histórico-Cultural.

3.1 Ler e transformar a realidade: aspectos metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural

A leitura da realidade sob a luz da psicologia Histórico-Cultural tem como base o interacionismo dialético, e as idéias marxistas (ANDERY, 2001). A partir da compreensão do psiquismo humano forjado em uma interação homem-mundo, Vigotski (1996) propõe um novo método, o qual possibilitaria uma visão sobre o comportamento humano, possibilitando uma forma mais integral.

O materialismo dialético toma como pressuposto básico a transformação da natureza, da história e do espírito como um processo contínuo de interação, e mudança mesmo quando parecem estar em uma aparência estática. Desta forma, a relação entre a matéria e o pensamento é estreita, onde a lógica é a forma pela qual o pensamento desvela a realidade, tomando a história como um ponto fundamental na percepção do desenvolvimento da matéria. (TEIXEIRA, 2005). Assim, o homem tem a capacidade de nomear, e construindo uma rede de significados a partir do que percebe no meio onde vive criando uma realidade abstrata dessa realidade material.

Segundo Andery (2001, p.416) um método com base no materialismo histórico dialético tem:

A necessidade de partir do real para se produzir conhecimento, de se buscar a lei de transformação do fenômeno, de se buscar as relações e conexões desse fenômeno com a totalidade que o torna concreto, reconhecendo o momento

de análise como momento de abstração, o que torna a reinserção do fenômeno na realidade passo imprescindível do método;

Ainda nas reflexões de Andery (2001) observamos como ocorre o processo de desenvolvimento. As relações de contradição entre fenômenos presentes na realidade, implicam em um movimento que tem como solução um novo fenômeno. No entanto, esta não se caracteriza como a solução para as relações contraditórias, e sim como um novo elemento presente na realidade, o qual contém novas contradições. A partir das influências do materialismo histórico dialético, Lane (1987 apud, BARBOSA, 1999, p. 66) afirma que:

é dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a construção do conhecimento que atenda a realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo

A partir das considerações acima, a definição de Vigotsky (1991, p.47) sobre o que é o método fica mais clara, afirmando que este "es al mismo tiempo premisa y producto, herramineta y resultado de la investigación". Assim, o método proposto por Vigotski, intitulado de micro-genético, ou genético-experimental (VIGOTSKY, 2002; BARROS, 2007), possibilitaria ao psicólogo compreender a constituição do comportamento humano, olhando sobre as dinâmicas e processos presente no mesmo, ao invés de olhar apenas sobre o comportamento unicamente.

Vigotsky (2002) propõe três princípios norteadores para a construção de um novo método em psicologia: a análise do processo e não de objetos, a explicação do processo em vez da descrição e o estudo sobre a dinâmica do comportamento ao invés do comportamento fossilizado.

Para definir melhor a expressão utilizada para o método utilizamos Barros (2007, p.29) quando diz que "o termo "micro" refere-se à ênfase em detalhes das relações intersubjetivas; enquanto que a denominação "genética" não se refere à hereditariedade, mas sim, à gênese, à historicidade e ao movimento de um determinado aspecto da subjetividade". Segundo Góes (2000, p.11), a análise microgenética é "orientada para os detalhes das ações; para as interações e cenários socioculturais; para o estabelecimento de relações entre microeventos e condições macrossociais".

O olhar sobre a construção dos signos, sentimentos, significados, sentidos presentes no âmbito da consciência de cada indivíduo se faz possível através da análise semiótica (GÓIS, 2005), ou seja, análise da forma como esses instrumentos são internalizados, formando um

campo de significações construídas a partir dos fenômenos culturais os quais refletem a forma como o sujeito lida com a realidade.

Através da linguagem podemos fazer a análise das representações compartilhadas pelo sujeito. Para Luria (1990 apud GÓIS, 2007, p.85) "linguagem inclui o significado, o sentido e as unidades fundamentais da consciência que refletem o mundo exterior". Assim a análise do discurso (GÓIS, 2005a) como instrumental metodológico nos permite perceber a riqueza que há na fala do sujeito, não só nas palavras, mas num conjunto de expressões, como a repetição, a entonação, estilo, as "configurações em um modo particular de comunicação, expressão, interação e significação pessoal (sentido) acerca de si mesmo e do mundo" (GÓIS, 2005a. p 114).

Apesar de tomarmos a linguagem como peça fundamental no processo de compreensão da consciência humana, ela é apenas uma das dimensões de análise, a ação mediada como um todo traz uma percepção mais complexa das formas de interação do sujeito. Tomando os pressupostos da atividade humana, acima abordada, percebemos que o homem não se faz no mundo apenas pelo discurso, mas também pela sua dimensão instrumental, prática sobre a matéria.

Segundo Wertsch (1998, p.68), nos estudos socioculturais costumasse estabelecer uma relação de antinomia entre indivíduo-sociedade, e ação seria a unidade de análise que uniria entre esses dois pontos, pois através dela os membros dessa antinomia poderia "ser vistos como momentos dialeticamente interativos".

Para Vigotsky (2002), se os comportamentos humanos fossem determinados apenas pelo meio, "a experiência do dia-a-dia seria plenamente suficiente para substituir a análise científica" (p.83). Desta forma, defende para compreender a estruturação psicológica do pensamento humano "são necessários meios especiais de análise científica para pôr a nu as diferenças internas escondidas pelas similaridades externas. "onde o tipo de análise" procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis" (VIGOTSKY, 2002 , p.83).

A consciência possui uma realidade construída historicamente, que apresenta a forma como podemos interagir com o meio externo. A partir da leitura do reflexo psíquico da realidade (LEONTIEV, 1978), o psicólogo obtém a compreensão de como trabalhar com o sujeito.

Pautado em uma base materialista, o método microgenético concebe o interacionismo dialético entre homem e mundo como a possibilidade de transformação de ambos, criando condições de vida que influenciam no desenvolvimento humano (FIGUEIRÊDO, 2006).

Inspirado em idéias marxistas, o método da teoria histórico-cultural além de permitir uma leitura crítica da realidade, propõe uma transformadora na mesma, permitindo intervir e modificá-la (BRANDÃO, 1999).

O processo de aprendizagem e desenvolvimento é crucial para essas transformações. Rego (1994, p.71), com base nas idéias de Vigotsky, afirma que "o aprendizado é... um aspecto necessário e fundamental no processo desenvolvimento das funções psicológicas superiores".

Vigotsky (2001) compreende dentro da estrutura das funções psicológicas superiores, níveis de desenvolvimento que repercutem nas formas de interação do sujeito. Caracteriza como Nível de Desenvolvimento Real (VIGOTSKY, 2001; REGO; 1994) as funções as quais o ser humano pode realizar sozinho, as quais resultaram de processo de aprendizagem e desenvolvimento completados e internalizados. Outro nível é o Nível de Desenvolvimento Potencial (VIGOTSKY, 2001; REGO; 1994.), onde estão presentes as funções as quais o sujeito realiza através de ação mediada por outras pessoas, compartilhando experiências vividas, solucionando problemas através do diálogo, da colaboração. (REGO, 1994).

A distância entre esse dois níveis é conceituada como Zona de Desenvolvimento Potencial ou Proximal – ZDP, a qual Vigotsky conceitual como “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas... em colaboração com companheiros mais capazes” (VIGOTSKY, 2002 p.112). Desta forma, o profissional de psicologia, a partir de um conhecimento determinado, propõe atividades que estimulem o desenvolvimento das ações do sujeito, percebendo as condições reais de realizar determinadas atividades, mas também a capacidade de realizar outras, através de ações mediadas.

Para Vigotsky (2001), propor uma atividade que as pessoas já realizam sozinhas, não se caracteriza como uma atividade facilitadora de desenvolvimento, pois não estimula um avanço, bem como atividades as quais não tem condições de serem realizadas sozinhas, caso não haja mediação.

A partir desse conceito e da noção de desenvolvimento humano encontramos espaço para uma atuação facilitadora-transformadora da psicologia junto ao indivíduo, conseqüentemente sobre seu mundo.

3.2 O Método Dialógico-Vivencial: facilitar-pesquisando, pesquisar-facilitando, através da análise e vivência da atividade comunitária.

O foco da ação em Psicologia Comunitária se dá na atividade comunitária (GÓIS, 2005a, 2007), que é um processo crítico-afetivo, pois a consciência se forja na atividade humana. A atividade se dá por dois processos: um cognitivo, de elaboração dos eventos vividos, e um afetivo, um processo vivencial que traz outras implicações como os sentimentos, as emoções. (LEONTIEV, 1999)

O método dialógico-vivencial (GÓIS, 2005b), através do processo de análise e vivência da atividade comunitária, contribui para a atitude do profissional em psicologia comunitária de facilitar-pesquisando, pesquisar-facilitando a dinâmica comunitária. Nesse contexto a facilitação é definida como: “priorizar o processo, o encontro dialógico e afetivo para conhecer e agir, nesse caso, para a construção da saúde pela via da aprendizagem conscientizadora e da ação solidária organizada e transformadora” (GÓIS, 2007, p.79).

A pesquisa dentro do método da psicologia comunitária caracteriza-se como a leitura da realidade, durante todo o período de atuação no espaço comunitário, permitindo reflexões sobre essa dinâmica e sobre o trabalho o qual realizamos, bem como a construção de conhecimento a partir da prática, podendo ser compartilhada com outras pessoas. Assim, facilitar pesquisando implica em deflagrar processos nos moradores, permitindo uma releitura da realidade, aprofundando a consciência, e em analisar como caminha esse movimento nos sujeitos comunitários, para a práxis de libertação individual e coletiva.(GÓIS,2007)

A atuação do método tem como a interação social, compreendo que o desenvolvimento do psiquismo do homem tem como ponto central a relação que este estabelece com o mundo, sendo mediado pela criação e o uso das ferramentas e da comunicação, em um movimento de contato consigo mesmo, com os outros e com o todo. O foco da facilitação comunitária é no grupo popular, reconhecendo este como um espaço de interação entre os sentidos e significados, entre as emoções das pessoas nele presentes. É um lugar que tem as dimensões individuais e coletivas das relações humanas presente, interagindo constantemente, refletindo o possível diálogo entre o micro e o macro-social (GÓIS, 2007).

Freire (1994, p.45) caracteriza o diálogo como "encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu²⁰". Segundo Góis

²⁰ Buber (1979) considera a relação eu-tu como um encontro onde os sujeitos se encontram em pé de igualdade. Uma relação na qual um consegue perceber a si e ao outro, mutuamente, respeitando na sua forma de estar dentro desse contexto.

(2005a, p. 110) "o diálogo vai além do intercâmbio verbal, se torna um mecanismo de interiorização da realidade físico-social, em sua diversidade e mudança, e ao mesmo tempo de expressão do indivíduo no mundo". Através do diálogo-problematizador (GÓIS, 2005) evidenciamos contradições na realidade, possibilitando uma releitura da mesma, e novas resignificações.

Toro (2005, p.30) define vivência como "a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente, que envolve a cenestesia, as funções viscerais e emocionais". Almeida (1994 apud GÓIS, 2002) classifica a vivência em duas: a Vivência Epistemológica, e a Ontológica; "a primeira se refere à possibilidade da vivência de levar ao conhecimento ou fazer-se conhecer; enquanto a outra trata da vivência mesma do Ser" (p.69). Apesar de falarmos da dimensão da experiência, do viver não podemos esquecer que também existe a elaboração sobre todo esse processo:

Quando se afirma que em Biodança o caminho vai da vivência ao significado, não significa também afirmar que há uma exclusão da função cognitiva, da consciência e do pensamento simbólico. Há somente ênfase numa outra forma de aprendizagem que envolve o organismo como um todo em seus níveis cognitivo, vivencial e visceral. (PINHO, MOREIRA, BARRETO e CASTRO, 2007 p.13)

Assim, vivenciar o modo de vida comunitário consiste no compartilhar junto das pessoas da comunidade, sentimentos significados, sentidos que estão presentes no espaço comunitário no dia-a-dia. Para Góis (2007, p.83):

A análise nos permite um distanciamento crítico da comunidade e de nós mesmos, e a vivência nos faz entrar sensível e emocionalmente no lugar, identificar-nos com ele, levando-nos a sentir a realidade social profunda acontecendo na vida de cada morador em seu cotidiano de luta, sofrimento e esperança.

A dimensão analítica do método tem influência da análise em microgênese, acima já abordada. A compreensão do reflexo psíquico do modo de vida comunitário dar-se através dessa metodologia, visto que ela tem o sujeito sendo percebido, através de sua relação com o mundo, e da maneira como ele capta essa realidade internamente, em uma dimensão sociogenética.

Aparentemente, quando denominamos o método como dialógico e vivencial, pode parecer que a teoria histórico-cultural não se faz presente, porém, um olhar com mais cuidado permite observar os espaços onde esta se contextualiza. A análise microgenética por observar

movimento interativo homem-mundo, tem no espaço de diálogo a capacidade de evidenciar e compreender as contradições existentes nesse lugar.

Segundo Góes (2000) o estudo microgenético tem como forte aliado à atenção ao diálogo e a compreensão de outras formas de saber para compreender os episódios interativos dos sujeitos. Esta autora aborda que no espaço de diálogo é possível compreender “a posição de poder dos sujeitos, a imagem dos interlocutores, as formações discursivas, os gêneros discursivos” (GÓES, 2000, p.17), ou seja, percebemos as relações entre os sujeitos.. Com base nessa articulação, evidenciamos um pouco mais a importância da Psicologia Histórico-Cultural dentro do método em psicologia comunitária.

É estranho conceber a construção de um método a partir de duas bases diferentes como o materialismo histórico dialético, e a teoria da biodança, Podemos encontrar interfaces que venha unir essa arrumação aparentemente "estranha". O interacionismo dialético, fala da influência de múltiplos fatores, de forma não ordenada, na construção da consciência, bem como essa relação de contínua transformação homem-mundo (LURIA, 2001; VIGOTSKY, 2002). Já a visão da Biodança avança um pouco mais quando percebe interdependência das formas de vida de um modo geral, no mundo (GÓIS, 2007). A abertura para esse diálogo teórico na busca de compreender o mundo é trazida por Montero (2004, p.34) ao afirmar que:

la apertura igualmente se expresa en la multidimensionalidad del análisis y en la diversidad de racionalidades, puesto que los investigadores e interventores no provienen de un solo campo, como ocurre con otros métodos de investigación. La apertura es una respuesta compleja a la complejidad de los problemas estudiados, que a su vez se deriva de los complejidade de la vida comunitaria y de sus fenómenos y procesos psicosociales.

A partir disso, como não buscar compreender a rede de representações presentes na comunidade, a partir das pessoas que fazem esse espaço no dia-a-dia? É importante compreender que o campo de atuação do sujeito se faz na comunidade, não se podendo de forma alguma esquecer a sua relação com o meio onde vive. Segundo Góis (2007, p.80) não podemos “compreender e atuar sobre os indivíduos fora de seus contextos sociais, culturais e proximais, nem de suas possibilidades de se construírem através das interações sociais e comunitárias”.

O olhar da psicologia é apenas um das formas de compreender as pessoas e a sua relação com a comunidade. Trazer consigo esse saber para dialogar com outros saberes, como o das pessoas da comunidade, é um exercício de práxis libertadora, é estar aberto aceitar o outro com a suas limitações e potencialidade sem esquecer de quem somos.

Tomar como ponto de partida os valores ideológicos presentes na dinâmica comunitária é manejar o construto histórico-cultural produzido naquele local, partir do que é vivido concretamente. Montero (2004 p.27) afirma que os objetos da psicologia comunitária são "la comunidad y los procesos y relaciones psicossociales que en ella se producen, ambos construídos entre los individuos que integran dicha comunidad y que reciben asimismo su influencia". Separar o ideológico do psicológico é separar o "indivíduo da sociedade, de sua cultura e de seu cotidiano local" (GÓIS, 2007, p.76).

Mudar, transformar socialmente nos pede essa compreensão e pensar também nessa comunidade como uma representação micro de um tecido social maior. Além dessa compreensão, devemos perceber a comunidade como em espaço que intermedia a relação do sujeito com a sociedade de um modo geral.

A partir dessa concepção, o nosso olhar sobre as transformações na sociedade de forma mais geral, global, serão potencializadas a partir de atividades realizadas no âmbito local da comunidade. Pensar globalmente e agir localmente. (AMARAL, REBOUÇAS JUNIOR, BARROS e XIMENES, 2007)

Devemos reconhecer que a comunidade, apesar de banhada de significações maiores vindas de uma superestrutura, possui suas questões menores, peculiares, construídas, a partir dessa realidade histórico-cultural. É perceber que o macro e o micro interagem de forma dialética, tendo como síntese a construção significativa de um modo de vida.

Trabalhar valores comuns para uma caminhada de sujeitos para uma transformação social implica não em negar as posições diferentes, mas sim em facilitar o diálogo entre elas, não negando a dimensão individual e de sentidos de todos os sujeitos, mas possibilitar que os pontos em comum sejam laços de forças para a mudança social.

A atividade comunitária permite compreender a estruturação complexa na qual se arruma o psiquismo humano. As interações instrumentais e comunicativas evidenciam a forma como o sujeito comunitário percebe seu mundo e como age neste a partir dessa percepção.

A questão da vivência nos permite um contato maior com o sentido, com o individual, com o que é compartilhado pelos que ali vivem. Leva-nos ao um contato pré-reflexivo²¹ (GÓIS 2002), o qual as definições objetivas não dão conta desse todo. Permitirmos-nos a vivência, porém não nos faz pessoas daquela comunidade, não nos faz esquecer o nosso papel naquela local.

²¹ Compreendemos a dimensão pré-reflexiva como a capacidade do sujeito de perceber e interagir com a realidade a partir das bases mais biológicas, das sensações, sem formas elaboradas, no nível cognitivo, dos sujeitos. (GÓIS, 2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS (por enquanto...)

Depois da intensa caminhada teórica, acadêmica e existencial desse estudo, poderemos tecer algumas considerações a partir desse debruçar-se sob Psicologia Comunitária e Psicologia Histórico-Cultural.

Ambas as teorias nascem de um movimento de questionar a realidade social da época vigente de cada uma. A perspectiva de críticas as formas de vida presentes na realidade, bem como a busca por uma mudança, foram pontos cruciais para o surgimento dessas duas teorias, cada qual em seu contexto. A sociedade foi, e ainda é o solo fértil de onde brotaram os primeiros ramos, e onde se fortificaram as raízes desses saberes, um movimento onde a realidade chama por uma nova forma de lhe ver. As repressões às quais ambos construtores dessas teorias sofreram demonstravam o compromisso destas com a mudança da realidade, e o receio das forças que oprimia a possibilidade de uma realidade mais justa. Apesar de surgirem em momentos diferentes têm histórias bem parecidas.

A perspectiva de mudança, através do ato não apenas de ler a realidade, a partir de um determinado olhar epistemológico, mas de atuar de transformar o meio social, em uma visão prospectiva de desenvolvimento humano, é um ponto importantíssimo de confluência dessas correntes teóricas. Clarificam assim uma abertura para uma mudança social.

A entrada da Psicologia Histórico-Cultural foi um salto qualitativo para a Psicologia Comunitária, pois traz a compreensão de como se forma, de como se constitui o psiquismo humano. A partir desse marco a Psicologia Comunitária sai de uma visão abstrata de psiquismo, para uma noção mais consistente do mesmo.

A noção do psiquismo da psicologia histórico-cultural é fundamental no quis diz respeito a sua relação com o meio social, onde ambos se transformam, em uma interação dialética. Ou seja, passamos a perceber as ligações entre o mundo psi e o meio social onde ele se presentifica, clareando algumas obscuridades antes existentes nas teorias da psicologia social, antes dessas reformulações.

Mas a realidade psíquica do homem não é percebida apenas como mais um outro conceito, mas como um sistema complexo da interação homem-mundo que se utiliza de diversos artifícios. Nesse ponto, a concepção das funções psicológicas superiores são extremamente importantes para perceber as ferramentas, os meios utilizados pelo homem para se firmar no mundo a partir de como o compreende. Duas categorias fundamentais são: Atividade Humana e Consciência. A atividade contextualiza-se em Atividade Comunitária,

permitindo compreender a dinâmica da realidade comunitária no psiquismo humano, e a partir dela, conceito de reflexo psíquico, o qual delimita de fato o objeto da psicologia comunitária, para onde ela deve olhar. A consciência por trazer, a partir da compreensão de como ela se constitui, possibilita uma maior clareza da importância do processo de conscientização trazido por Paulo Freire.

As ferramentas psíquicas, os signos como também são chamados, a partir do momento que são elucidados para a Psicologia Comunitária, permitem esta encontrar instrumentos que movimentem a consciência, e a transformem.

Quando falamos da visão de homem e de mundo, percebemos a confluência desses com as outras teorias constituintes da psicologia comunitária. É reforçada ainda mais a idéia de que o sujeito tem a capacidade de mudar sua realidade sim, de transformar a ela e a si mesmo, idéias estas trazidas nos primórdios pelos três marco teóricos iniciais, ainda que de um forma não tão, a partir da capacidade do homem de ser mais, do valor pessoal e poder pessoal.

A capacidade de olhar para o homem não só pelo o que ele é, mas pela capacidade que ele tem de vir a ser algo mais, é um grande salto. Observamos forte influência disso partir do olhar sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem que a Psicologia Histórico-Cultural traz.

Não negar a base biológica apesar de o seu foco ser relação histórico-cultural entre o homem e o meio é permitir o diálogo com outro marco teórico de enfoque diferente, a Biodança. Apesar de esta trazer a afetividade e os sentimentos de formas mais significativas para a Psicologia Comunitária, a Psicologia Histórico-Cultural compreende a extrema importância de levar esses conceitos em consideração na constituição do psiquismo humano.

A não neutralidade do cientista abordada pela Psicologia Histórico-Cultural, traz a possibilidade do diálogo com a postura do psicólogo e seu papel na transformação social, como traz Ignacio Martin-Baró. Um movimento onde não só as pessoas da comunidade, e esta se transformam, mas o psicólogo também, pois ele se encontra dentro desse processo.

Por falar em processo, essa idéia como base de análise é fundamentalmente trazida pela Psicologia Histórico-Cultural, permitindo um olhar sobre o homem e suas interações de uma forma mais dinâmica.

Ainda na questão metodológica, a atividade comunitária como categoria análise permitiu um avanço significativo na leitura da dinâmica comunitária e da maneira como perceber espaços de transformações da mesma.

Não poderíamos deixar de falar também das transformações pelas quais o autor passou:

O aprofundamento de duas teorias que tenho afinidade contribuiu demais para reafirmar a opção que faço pela transformação social. Reafirma a minha opção pela Psicologia Comunitária e a vontade de crescer junto com ela, transformando a ela e a mim mesmo.

Pude reler algumas coisas, descobrir outras que evidenciaram ainda mais a minha caminhada enquanto ser no/do mundo. A minha prática ia fazendo sentido e ganhado mais cor, ficando mais viva, a partir do momento que me debruçava sobre teorias que falam de uma forma compreender essa realidade, mas não só isso transformar também.

Essa caminhada não foi de passos sós. As dúvidas, os questionamentos, as angústias, as felicidades e as descobertas foram compartilhadas durante todo esse processo. Realmente ficou claro para mim o significado de uma transformação dialética e dialógica, a partir desse exercício de constante troca com as outras pessoas..

A capacidade de ler a realidade de outra forma me encantou e me deixou com mais vontade de descobri-la, de percebê-la, de senti-la. Assim algumas questões se foram, mas outras surgiram de uma forma mais intensa e me deixando com muito mais vontade de me fazer desbravador, descobridor.

Sinto que as teorias as quais estudei aqui que falavam de homem de potenciais, de realidade transformada e transformável foi vivida por mim intensamente. Ao transformar meus pensamentos em palavras sobre o digitar do teclado, percebi que poderia criar, contribuir para uma mudança na realidade, ainda que com um estudo monográfico, mas eu posso. Percebi que tenho condições de seguir, que posso sim fazer aquelas coisas, que antes achava que só era possível para os grandes pensadores. Percebi-me vivo, criador, criativo.

Foi um momento de revisitar as coisas as quais vinha construindo na minha caminhada e de fortificar, transformar. Foi um movimento de se emocionar com o mundo e com as pessoas de descobrir, que elas podem sim ir mais além. Foi um processo de descobri que a emoção bate forte dentro de mim, me faz encher o olhos de lágrima de felicidade.

Sinto que posso prosseguir, construindo a Psicologia Comunitária e a mim mesmo. O mergulhar sobre essas questões me deixou com muita vontade de ir além, e buscar formas mais belas, justas e felizes de viver a vida. Vontade de ir além sim, mas não sozinho, pois a transformação se dá em relação comigo mesmo, com os outros e com a vida.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda M. Junqueira. **Reflexões a partir da psicologia Sócio-histórica sobre a categoria consciência.** In: Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 125-142, julho/ 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a05.pdf>. Acesso em: 15 out. 2007.
- ALENCAR, R. F. **As implicações da Atuação Comunitária na autoconsciência dos participantes do Projeto Agente Jovem.** Fortaleza: Projeto de Mestrado, 2007.
- AMARAL, C.E.M, REBOUÇAS JUNIOR, F.G.R, BARROS, J.P.P. e XIMENES, V.M. **Desenvolvimento Local e Desenvolvimento Comunitário: uma visão da Psicologia Comunitária Cearense.**Fortaleza: Artigo não publicado. 2007
- ANDERY, M.A.. A Prática, a História e a Construção do Conhecimento: Karl Marx (1818-1883) ANDERY, M.A.. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** 15. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARBOSA, M.I. S. Psicologia Comunitária do Ceará: sua especificidade e do lugar de sua práxis. In. BRANDÃO R. I e BONFIM, Z.A.C. (org). **Os Jardins da Psicologia Comunitária.** Fortaleza: UFC/ABRAPSO, 1999.
- BARROS, J. P. P. **Psicologia Histórico-Cultural e suas Contribuições à Psicologia Comunitária.** Fortaleza: Artigo não publicado, 2005.
- BARROS, J. P. P. **Considerações sobre a Práxis do (a) Psicólogo (a) nas Raízes de Cidadania e nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) de Fortaleza.** Fortaleza: Monografia (Bacharelado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará. 2007
- BRANDÃO, I.R. As Bases Epistemológicas da Psicologia Comunitária. In. BRANDÃO R. I e BONFIM, Z.A.C. (org). **Os Jardins da Psicologia Comunitária.** Fortaleza: UFC/ABRAPSO, 1999.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2. ed.rev. São Paulo, SP: Cortez, Moraes, 1979.

FIGUEIRÊDO, Eugênia Bridget Gadêlha. **Psicologia Comunitária com Jovens do Programa de Liberdade Assistida**. Início: 2006. Projeto Qualificado da Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará,

FREIRE, P.. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Arquivo em PDF

FREITAS, M.F.Q. Que legado recebeu e que desafios enfrenta a psicologia social comunitária? Reflexões sobre a intervenção e a vida cotidiana. In OSNAYA, Martha Córdova e PÉREZ, José Carlos Rosales.(coord.) **Psicología Social – Perspectivas e aportaciones hacia um mundo posible**. México: Amapsi Editorial, 2007. Disponível em:<http://www.liberaccion.org/Joomla/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=15&dir=ASC&order=name&limit=15&limitstart=0 >

FREITAS, M F.Q. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: Práticas de psicologia em comunidade das décadas de 60 a 90, no Brasil. In CAMPOS, R. H. F. (org.) **Psicologia Social Comunitária. Da solidariedade a autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GÓES, M. C. R. **A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade**. *Cad. CEDES* [online]. 2000, vol. 20, no. 50 pp. 9-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 de nov. 2007

GÓIS, C.W. L. **Noções de Psicologia Comunitária**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

_____ **Biodança: Identidade e Vivência**. Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire do Ceará, 2002.

_____ **Psicologia comunitária no Ceará: uma caminhada.** Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2003.

_____ **Psicologia Comunitária – Atividade e Consciência.** Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005a.

_____ **Saúde Comunitária: uma práxis de vida, libertação e cidadania.** (no prelo) 2007.

_____ **Método Dialógico-Vivencial: Encontro de Formação do Núcleo de Psicologia Comunitária,** 25 e 26 de outubro de 2005b. 8f. Notas de Aula. Manuscrito

LANE, S. T. M. Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In CAMPOS, R. H. F. (org.) **Psicologia Social Comunitária. Da solidariedade a autonomia.** Petrópolis: Vozes, 2002

_____ **Silvia Lane: estilo em movimento.** Conselho Federal de Psicologia. Arquivo em vídeo, 2007

LEONTIEV, A. N. **Actividad conciencia personalidad.** Ciudad de la Habana: Editorial pueblo y educación, 1981.

_____. **La Actividad en la Psicología,** Moscú, Cuestiones de Filosofía, nº 09 y 12, 1972 (trad. De Luis Oliva, La actividad en la Psicología, La Habana, Editorial de Libros para la Educación – Ministério de Educación, 1979).

_____. **O desenvolvimento do Psiquismo.** Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

_____. y otros. **Psicologia..** Cidade do México: Editorial Grijalbo S.A. 1960.

_____. Os Princípios do Desenvolvimento Mental e o Problema do Atraso Mental. In: LEONTIEV, A N. VIGOTSKY, L.S., LURIA, A. R. e outros. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento.** São Paulo: Moraes, 1991.

LURIA, A.R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MÉDICI, A. C **Welfare State no Brasil**. s.d. Disponível

em:<<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/polsoc/saude/welfare/apresent.htm>>

Acesso em 3 de out. 2007

MONTERO, M.. **Hacer para Transformar**: El Método en la Psicología Comunitaria. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. **Introducción a la Psicología Comunitaria**: Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidós, 2004.

OLIVEIRA, M K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

PINHO, A. M. M, MOREIRA, C. P. BARRETO, G.P., CASTRO, G.S **A vivência no método da Psicologia Comunitária Cearense**. Fortaleza: Artigo não publicado, 2007.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 17. Ed.. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

RIBEIRO, K.G., ROCHA, T.G. 20 anos de Psicologia Comunitária, 10 anos de NUCOM: Práxis e Compromisso. In: PINHEIRO, A.A.A.; XIMENES, V.M.; LUSTOSA, P. **Práxis em Psicologia**. Fortaleza: Ed. UFC, 2002.

RODRIGUES, D.S. **Conscientização: Um estudo sobre os Sentidos e Sentimentos envolvidos nesse processo**. Fortaleza: Monografia (Bacharelado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará. 2007

TEIXEIRA, A.F.G., AMARAL, C.E.M., FIGUEIRÊDO, E. B. G., MENDONÇA F.W.O. **Psicologia Comunitária e Psicologia da Libertação** Fortaleza: Artigo não publicado. 2006.

TEIXEIRA, E. Um Materialismo Psicológico In: **VIVER Mente & Cérebro** - Coleção memória da Pedagogia, n. 2. Vygotsky, 2005.

TORO, R.. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás/EPB, 2002.

VIEIRA, E. M, XIMENES, V.M., **Conscientização: em que interessa este conceito a Psicologia?** Fortaleza: Artigo não publicado. 2007

VIGOTSKI, L.S. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Obras Escogidas. Tomo 3**. Cap. 2 e 5: Problemas del desarrollo de la psique . Madrid, Visor / Centro de Publicaciones del MEC, 1991.

VIGOTSKY, L.S. e LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKY, L.S. Manuscritos de 1929 In: **Educação & Sociedade**: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes) n.71- 2ª edição. Campinas: Cedes- 2000.

WERTSCH, J. V. (1998) A necessidade da ação na pesquisa sociocultural In: WERTSCH, J. V; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A.. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: ArtMed, 1998